Copyright © 2014 by Matéi Visniec
Copyright da edição brasileira © 2015 É Realizações
Título original: *Le Spectateur Condamné à Mort* (traduzido do original romeno *Spectatorul Condamnat la Moarte* por Claire Jéquier e Matéi Visniec)

Produção editorial, capa e projeto gráfico
É Realizações Editora

Tradução da "Advertência"
Margarita Maria Garcia Lamelo

Preparação de texto
Marcio Honorio de Godoy

Revisão de texto
Cecília Madarás

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

V813e

Visniec, Matéi, 1956-
O espectador condenado à morte / Matéi Visniec ; tradução Fábio Fonseca de Melo. - 1. ed. - São Paulo: É Realizações, 2015.
96 p. ; 21 cm. (Biblioteca teatral ; Dramaturgia)

Tradução de: Le spectateur condamné à mort
ISBN 978-85-8033-190-5

1. Teatro francês (Literatura). I. Melo, Fábio Fonseca de. II. Título. III. Série.

14-18919 CDD: 842
CDU: 821.133-1-2

29/12/2014 30/12/2014

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Rua França Pinto, 498 · São Paulo SP · 04016-002
Caixa Postal: 45321 · 04010 970 · Telefax: (5511) 5572 5363
atendimento@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Este livro foi impresso pela Yangraf Gráfica e Editora, em fevereiro de 2015. Os tipos usados são da família Sabon LT Std e Helvética Neue. O papel do miolo é alta alvura 90g, e o da capa, cartão supremo 250g.

O ESPECTADOR condenado À MORTE

Peça em dois atos

MATÉI Visniec

TRADUÇÃO: FÁBIO FONSECA DE MELO

É Realizações Editora

ADVERTÊNCIA

Caro autor,

Você que brilha pouco com sua eloquência neste *O Espectador Condenado à Morte* é muito mais prolixo através de suas peças do que nas suas peças. Eis que mais uma vez – isso se tornou uma mania sua – você nos oferece um dos seus textos "de antes". De uma época em que nós, público de língua francesa, não tínhamos o menor interesse na sua obra, e antes que você seguisse os passos da fila já longa da diáspora romena do século XX que viu a turma dos Brancusi, Tzara, Fondane, Eliade, Ionesco, Luca e Cioran, citando apenas os mais conhecidos, banhar as artes e as letras francesas.

Recordemos os fatos. Você desembarca aqui na França em 1987 e, antes de completar cinco anos de permanência, já trama oferecer sua obra na língua de Molière, que anexa à sua pluma. Não contente do seu crime, você não tarda a reciclar no novo idioma – você precisava tanto assim reencontrar a sua reputação? – o vestígio da sua atividade passada. O que você ainda precisa provar? Suas peças não são encenadas no mundo inteiro? Que má consciência o leva a desenterrar assim o seu velho álbum de fotos? Que – mau – gosto pela arqueologia pré-democrática lhe pede que mostre a sua pré-história pessoal? Sem dúvida, com a ajuda do sucesso, você se sente autorizado a despejar no mercado os seus últimos recursos como relíquias para os idólatras que você supõe que somos.

Certamente, a arte é hábil, e esse recém-nascido de 22 anos – enfim multissecular em linguagem editorial – tem cara boa. Aliás, só esse título dissimulado nos permite caracterizar como obra de juventude esta peça que circulava em uma clandestinidade – entusiasta segundo suas declarações – de onde jamais deveria ter saído. Mas eis que, graças à cumplicidade culpada de um editor, o mal já está feito. Portanto, só me resta escrever ao leitor uma "Advertência", no sentido mais solene. "Advertência" porque o leitor não deve se deixar enganar pelo entusiasmo que vai sentir com a leitura da sua peça. Não vou me deter no título sedutor que facilita a identificação do leitor/espectador. A pena capital continua a castigar e a morte ocupa suficientemente as manchetes dos jornais para não colocá-la na capa dos livros.

Os leitores que ignoravam até este momento a sua obra sem dúvida a encontrarão muito original. Aqueles que já estão familiarizados com ela reencontrarão as suas obsessões favoritas, num estágio que não é mais germinativo. Mas o propósito não enganará o exegeta de teatro e de literatura.

Ao primeiro grupo, direi que é preciso desconfiar das seduções fáceis, e o exemplo do segundo grupo me leva a aconselhar ao primeiro somente ler esta peça. Não precisam ler suas outras peças, pois veriam nelas o que já conhecem, como esse personagem recorrente do cego. Ele aparece em *Paparazzi ou A Crônica de um Amanhecer Abortado*, em *Nous Voilà avec des Milliers de Chiens qui Sortent de la Mer*, em *Os Desvãos Cioran ou Mansarda em Paris com Vista para a Morte* – com um telescópio, que absurdo! ou ainda em *Mais, Maman, Ils nous Racontent au Deuxième Acte ce qui s'est Passé au Premier*. Digamos, de passagem, seu desertor, que não é avaro ao usar palavras francesas, quando se trata de desperdiçá-las em títulos compridos...

Ao segundo grupo, que exclamará, cheio de admiração: "Tudo já está aí!", comparando *O Espectador Condenado à Morte* com as peças que vieram em seguida, pedirei que reflita sobre esse *tudo*, assim como sobre o objeto que está sob seus olhos. Falsos raciocínios lógicos, retórica encaixada, humor absurdo, intrusão do fantástico, você se sobressai de fato criando um universo, e vê-se muito bem que bebê dissimulado você foi, fazendo cair no seu berço as boas fadas que sobre ele se curvavam: Kafka, inventor da culpabilidade moderna e do verdadeiro falso processo que a sanciona, Pirandello e seus personagens ao abandono que atormentam os atores. Mas não contente de captar a herança dessas figuras tutelares do seu pandemônio, você a corrompe indo mais além, convocando ao palco todo o pessoal do teatro, inclusive o diretor e o autor. Tornar este praticamente mudo (o cego já estava ocupado!) diz muito sobre sua incapacidade vergonhosa de assumir sua escrita. Seu homólogo corajoso Jean-Gabriel Nordmann em *À la Porte* – que deveria ser lido como complemento do seu *Espectador* – se arrisca a confessar sua impotência e sofrer as críticas cáusticas do seu personagem recalcitrante. Certamente você achou mais sutil se expressar pouco... Mas o que deveríamos esperar de um autor que ousou corrigir Beckett fazendo-o encontrar Godot – a quem você dá a palavra! – em *O Último Godot*.

Infelizmente, você não se contenta em instruir o processo do autor. De todos os personagens é aquele que você deixa ver. E, como se não bastasse, você faz agora o processo do espectador, e com que arbitrariedade! Você tem consciência da gravidade do seu ato, seu iconoclasta? Você, que se mostra como o campeão dos raciocínios lógicos levados ao extremo, está nos dizendo que o teatro ideal é um teatro sem espectadores?! Já conhecíamos *Ultraje ao Público*, de Peter Handke, mas você ultrapassa os limites! Sua peça é tão confusa

que a gente se perde totalmente, pois ousa fazer o processo de um verdadeiro espectador, um pobre coitado que pagou a entrada e que não pode fazer nada, num vaivém permanente entre a afirmação e a destruição da ilusão cênica. Nossa cultura teatral não é um lugar onde se coloca tudo de pernas para o ar, seu pervertido! Você nos convoca ao teatro para uma paródia de processo que se mostra como uma paródia de teatro. Sabendo que um processo é um dos atos mais encenados através dos quais uma sociedade oferece um espetáculo de si mesma, era fácil! Você agiu bem, por assim dizer... Além disso, sua paródia de teatro se confunde numa estética que você vai buscar (você não se limita a buscar numa coisa só) numa realidade tristemente conhecida. O seu gosto dramático exagerado pela imagem encaixada nos leva diretamente da boneca russa à boneca soviética. Tribunal fantoche que acaba se devorando mutuamente, acusação delirante, testemunhos aproximativos, julgamento arbitrário..., você estaria tentando, ao reativar sua peça, nos fazer acreditar que tudo isso ecoa ainda numa Europa em que a ideologia liberticida ruiu sobre si mesma e, com ela, seus líderes? Aliás, nós nos lembraremos de um certo processo extremamente teatral de tipo paródico de que você gosta... Definitivamente, você é demais, seu visionário. Mas seu culpado é um verdadeiro inocente, enfim... Camus não seria seu defensor a esse respeito. Caramba, agora você é contagiante, seu dramaturgo; como você é hábil! Não se pode falar de teatro sem falar de culpabilidade; não se pode falar de processo sem cair na teatralidade. Através disso, você nos reconduz ao verdadeiro *processo* do teatro. Aliás, não buscarei estabelecer o de sua escrita. Basta observar que ela comporta uma falha: na sua peça você omitiu um personagem... o prefaciador.

Gilles Losseroy

Diretor da companhia *La Mazurka du Sang Noir* em Nancy e professor de artes do espetáculo na Universidade de Nancy-2.

AS PERSONAGENS

O JUIZ

O DEFENSOR

O PROCURADOR

O ESCRIVÃO

A PRIMEIRA TESTEMUNHA, *o homem que destaca os ingressos*

A SEGUNDA TESTEMUNHA, *a atendente da chapelaria*

A TERCEIRA TESTEMUNHA, *a atendente gorda da lanchonete*

A QUARTA TESTEMUNHA, *o fotógrafo do teatro*

A QUINTA TESTEMUNHA, *um espectador*

A SEXTA TESTEMUNHA, *o diretor*

A SÉTIMA TESTEMUNHA, *o autor*

A OITAVA TESTEMUNHA, *o homem que espera na frente do teatro*

A NONA TESTEMUNHA, *o mendigo cego que toca gaita na esquina da rua*

UM SARGENTO, SOLDADOS, CABEÇAS

Sala de espetáculo na forma de um tribunal. Ao acaso, alguns espectadores acabarão se sentando nos lugares reservados aos jurados. Quem se sentar no lugar reservado ao acusado será O ESPECTADOR CONDENADO À MORTE.

*

O Espectador Condenado à Morte foi encenado pela primeira vez na Romênia em abril de 1992, no Teatro Nacional Vasile Alecsandri de Iassy, dirigido por Irina Popescu-Boieru. Estreou na França em julho de 1998 no Festival *off* de Avignon, dirigido por Bernard di Amor, da companhia Second Oeuvre.

O Procurador, o Juiz e o Escrivão, imóveis e com o olhar fixo, esperam que os espectadores tomem seus lugares. Quando a sala se acalma, o Procurador começa, febril.

O PROCURADOR: Senhoras e senhores, há um criminoso entre nós!

O JUIZ: Senhor Procurador! Queira atentar ao procedimento. Ninguém pode ser considerado criminoso enquanto o crime não for provado.

O PROCURADOR: Não há nada a provar. Dá para ler o crime escrito na testa do criminoso.

O JUIZ (*batendo com o martelo*): Queira atentar para o fato de que o procedimento é obrigatório.

O PROCURADOR (*indicando o Espectador Acusado*): Ele é o criminoso!

O JUIZ: Eu lhe proíbo de falar assim diante do público!

O PROCURADOR (*ao público*): Olhem para ele, olhem a cara dele... Este homem deve morrer aqui, esta noite,

esmagado como... um inseto! Senhores, não se façam de bobos!

O JUIZ (*batendo mais forte*): Silêncio!

O PROCURADOR (*ensandecido*): Para que perderem tempo? Que o matem e voltem para suas casas!

O JUIZ (*ao Escrivão*): Que desordem é essa?

O PROCURADOR (*ao público*): Eu lhes conjuro, liquidem-no! Não faz sentido ficar tagarelando a noite toda. (*Ao Espectador Acusado.*) De pé, seu animal!

O ESCRIVÃO (*ao Juiz*): Eu não sei. Ele perdeu a cabeça.

O PROCURADOR: Aqui! Agora! Vou matá-lo com minhas próprias mãos. Quem concorda? (*Entre os espectadores.*) Quem concorda? Levantem a mão! Levantem a mão, ora!

O JUIZ (*ao Escrivão*): Faça-o se calar.

O PROCURADOR: Vocês, por que não levantam a mão? Frouxos! Levantem a mão, estou dizendo...

O ESCRIVÃO (*engalfinhando-se com o Procurador*): Feche a matraca.

O PROCURADOR: Não me toque!

O ESCRIVÃO (*ao Juiz*): Senhor, posso bater nele?

O PROCURADOR (*ao público*): Frouxos! Mexam-se! Façam alguma coisa! (*Ao Escrivão.*) Me deixe em paz!

O JUIZ: Silêncio! Ou mando evacuar a sala.

O ESCRIVÃO (*ao Juiz*): Não dá. Eles pagaram.

O JUIZ (*encolerizado, contaminado pelo delírio do Procurador*): Eu não preciso do dinheiro deles! (*Tira cédulas de dinheiro dos bolsos e as atira à sala.*) Tomem seu dinheiro! Peguem! Eu devolvo. Peguem e caiam fora!

O ESCRIVÃO (*trazendo o Procurador diante do Juiz*): O que o senhor quer que eu faça com ele?

O JUIZ: Dê-lhe um pouco d'água.

O ESCRIVÃO (*joga um copo d'água na cara do Procurador*): Suficiente?

O JUIZ: Pergunte a ele.

O ESCRIVÃO (*ao Procurador*): Já teve o suficiente, Senhor?

O PROCURADOR (*cansado, ofegante*): Teria sido melhor para todo mundo... (*Enxuga o rosto.*) É isso...

O JUIZ (*pegando-o pelo colarinho*): Sente-se melhor agora?

O PROCURADOR (*voltando a si*): Sim.

O JUIZ: Está me ouvindo?

O PROCURADOR: Sim.

O JUIZ: Não tem graça se não respeitarmos a lei.

O PROCURADOR: É um criminoso hediondo, esse aí, e eu posso provar. É um lixo, posso trazer as testemunhas.

O JUIZ: Chame-as. Rápido!

(*Pausa. O Juiz bebe, enxágua a boca, gargareja. O Procurador apruma as vestes e se põe à sua mesa.*)

O PROCURADOR: Que entre a primeira testemunha!

(*A Primeira Testemunha entra muito segura de si, inclina-se diante do Juiz e, depois, diante do Procurador.*)

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Senhoras e Senhores, este homem...

O PROCURADOR (*tomando-lhe a palavra*): Nome, sobrenome, profissão!

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Bruno. Eu destaco os ingressos.

O PROCURADOR: Diga-me, senhor Bruno, há quantos anos destaca os ingressos?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Há dez anos.

O PROCURADOR: Destacou os ingressos também esta noite?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Esta noite também, sim.

O PROCURADOR: Queira, por favor, olhar um pouco ao redor da sala. O senhor, talvez, esteja vendo alguma figura mais conhecida?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Estou vendo.

O PROCURADOR: Quem?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Todos. Conheço todos.

Menos aquele senhor ali. (Indica um espectador nas primeiras fileiras.) Acho que entrou pelos bastidores.

O PROCURADOR: Olhe para esse homem à sua frente.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Estou olhando.

O PROCURADOR: Aproxime-se dele.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*com medo*): Senhor Procurador, sou um pouco cardíaco...

O PROCURADOR: Aproxime-se mesmo assim. Conte-nos tudo o que aconteceu.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Não ouso, senhor Procurador. Não mesmo, não acho que eu poderia lhe dizer...

O JUIZ (*dando um soco na mesa*): Cale a boca! (*Muda de tom.*) Você vai contar tudo. Levante a mão!

O PROCURADOR (*sussurrando*): A direita, rápido! Mais alto!

O JUIZ: Assim... E jure dizer toda a verdade, nada mais que a verdade.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*com lágrimas nos olhos*): Vocês vão me fazer causar uma desgraça.

O JUIZ: Merda!

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Juro dizer toda a verdade, nada mais que a verdade. (*Ao Espectador Acusado.*) Senhor... Eu não quero lhe fazer mal. Eu queria que o senhor soubesse.

O PROCURADOR: Senhor Bruno, sente-se e tente se lembrar bem quando foi que viu este homem pela primeira vez.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Há quinze minutos.

O PROCURADOR: Em que circunstâncias?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Foi uma circunstância sem saída.

O PROCURADOR: Ou seja...

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Eu estava em meu lugar, como sempre. Na frente da porta. Estava esperando dar oito e meia.

O PROCURADOR: Perfeito!

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Às oito e meia em ponto, eu abri a porta do teatro.

O PROCURADOR: Bem. E o que aconteceu depois que você abriu a porta?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Os espectadores começaram a entrar.

O PROCURADOR: Poderia me indicar quem foi o primeiro?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*procurando com o olhar*): Acho que posso, sim.

O PROCURADOR: E quem foi o segundo, poderia indicar?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sim, eu o estou vendo.

O PROCURADOR: E o terceiro também?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*procurando bastante tempo*): É possível, sim... É possível, mas... Pronto, agora tenho certeza, o quarto.

O PROCURADOR: Observe bem o acusado. Na sua opinião, o acusado entrou entre os primeiros ou entre os últimos?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Entre os últimos, talvez.

O PROCURADOR: Como sabe?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Eu sinto.

O PROCURADOR: Como pode sentir?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Pela cara.

O JUIZ (*dá um tapa na mesa*): Está mentindo!

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Não estou mentindo, senhor Juiz. Em dez anos, aprendi a guardar as caras.

O JUIZ: Que caras?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Há caras e caras. Algumas foram feitas para entrar na primeira metade e outras foram feitas para entrar na segunda metade. Sou capaz de dizer, com erro de um por cento, quem pode entrar na primeira metade e quem na segunda metade.

O JUIZ: E o senhor tem a impressão de que este homem pertence à segunda metade?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sem dúvida. Estou convencido de que entrou entre os últimos, mas não tão tarde que levantasse suspeitas.

O PROCURADOR: O senhor tem o costume de olhar nos olhos daqueles que passam pelo senhor?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Não, eu não tenho tempo de olhá-los nos olhos. Olho apenas as mãos.

O PROCURADOR: Por que as mãos?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Porque devo prestar atenção nos ingressos.

O PROCURADOR: Peço que o senhor se aproxime e olhe as mãos do acusado. Reconhece essas mãos?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*embaraçado*): Senhor, o acusado está escondendo as mãos.

O PROCURADOR: Perdão?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Está com as mãos inteiramente contra o corpo. Não consigo vê-las.

O PROCURADOR (*furioso, ao Juiz*): Meritíssimo, o acusado se recusa a mostrar as mãos.

O JUIZ (*ao Espectador Acusado*): O senhor devia ter vergonha! Não pense que vai conseguir atrapalhar o bom andamento do inquérito desse jeito. Sabemos tudo sobre o senhor. As suas mãos estão aqui, em vários milhões de exemplares. (*Tira de uma gaveta uma pilha de fotos que mostram mãos fotografadas de todos os ângulos. Ele joga as fotos na sala.*) Estão aqui, suas mãos! Nós sabemos tudo. Conhecemos cada linha, cada verruga! (*Puxa um controle remoto; a luz se apaga e, em uma grande tela, aparece a projeção de duas mãos juntas.*) Aí estão! (*À Primeira Testemunha.*) O senhor as reconhece?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sim, são as mãos dele. Com essas mãos, ele me passou o ingresso, com essas mãos ele pegou a metade destacada.

O JUIZ (*muito excitado, com ódio*): Como?

O ESCRIVÃO: Tem certeza absoluta, senhor Bruno?

O PROCURADOR (*triunfante, acalmando os espíritos*): Um momento. (*À Primeira Testemunha.*) Repita palavra por palavra.

O JUIZ (*inquieto, à Primeira Testemunha*): Quer dizer que este homem passou mesmo pelo senhor e teve o atrevimento de lhe dar seu ingresso?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*nervosa*): Sim.

O JUIZ: Vou matá-lo!

O PROCURADOR: E o que foi que eu lhe disse? É preciso matá-lo imediatamente.

O JUIZ: Não aguento mais. É demais.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: E depois que destaquei seu ingresso, ele entrou na sala.

O ESCRIVÃO: Com essas mãos?

O JUIZ: Sargento! (*Ele abre a porta com violência.*) Sargento! Leve-o. (*O Sargento entra.*) Fora! Todo mundo para fora! Evacuem a sala. Fora com os criminosos. (*Ele se joga sobre a Primeira Testemunha.*) Por que você o deixou entrar? Por quê?

O PROCURADOR: Meritíssimo... Eu lhe rogo, isso não faz sentido.

O JUIZ: Calado, ignorante! Guardas! Venham, guardas! Joguem todo mundo na rua!

(*Os soldados entram ruidosamente e rodeiam a sala com seus porretes à mão. Erguem os porretes no ar, ameaçadores.*)

O JUIZ (*ao público*): Voltem para suas casas, todos. (*Saca um revólver.*) Onde ele está? Onde ele está? (*Ensandecido, procura o Espectador Acusado. O Escrivão e o Procurador tentam acalmá-lo.*) Vou matá-lo com minhas próprias mãos.

(*O Defensor entra, precipitado.*)

O DEFENSOR (*ao Escrivão e ao Procurador*): Bando de idiotas! (*Ele se aproxima do Juiz e funga para sentir o hálito.*) Por que lhe deram bebida?

O JUIZ: Vou destruí-lo!

O DEFENSOR: Cale-se, besta velha. (*Ao Sargento.*) Para fora, todo mundo.

O SARGENTO: Senhor Advogado de Defesa, eu...

O DEFENSOR: Calado! Pegue seus animais e caia fora.

(*O Sargento dá uma ordem e os soldados se retiram.*)

O DEFENSOR (*pega o Juiz pelo colarinho*): O senhor começou sem mim? O senhor ficou louco, completamente louco. (*Ao Procurador.*) Como se permite começar sem o advogado de defesa, senhor?

O PROCURADOR (*embaraçado*): É que... seu sogro achou que tudo bem.

O DEFENSOR (*atirando-se sobre o Procurador*): Que sogro? (*Ele obriga o Juiz a se sentar novamente em sua poltrona.*) Chega de besteira. Todo mundo calado! (*À Primeira Testemunha.*) Quem é você?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*com medo, a ponto de fugir*): Ninguém. Não vi nada, não ouvi nada.

O DEFENSOR (*ao Juiz*): Dói em algum lugar?

O JUIZ (*ofegante*): Estou morto.

O DEFENSOR: Eles te aborreceram?

O JUIZ: Sim, eles me deixaram completamente louco. Minha garganta dói.

O DEFENSOR: Água. Tragam-lhe água.

O ESCRIVÃO: Imediatamente... (*Ele pressiona um botão e, na tela, aparecem duas mãos que se lavam.*) Estou procurando... (*Ele pressiona mais duas, três vezes o botão e a luz se acende na sala.*) A água está em cima da mesa.

O DEFENSOR (*dá de beber ao Juiz*): Não berre mais desse jeito, está me ouvindo?

O JUIZ: Não vou mais berrar.

O DEFENSOR: Não comece mais sem mim.

O JUIZ: Não vou mais começar.

O DEFENSOR: Não se mexa mais daqui.

O JUIZ (*murmurando*): E Greta, o que será que anda fazendo?

O DEFENSOR: Cale-se e fique tranquilo, está me ouvindo? (*Ao Procurador.*) O que é que está acontecendo aqui?

O PROCURADOR: Um crime.

O DEFENSOR (*indica a Primeira Testemunha*): E ele?

O PROCURADOR: Ele conhece o criminoso.

O DEFENSOR: E quem é o criminoso?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*indica o Espectador Acusado*): É este senhor.

O DEFENSOR: E qual raios é o problema afinal?

O PROCURADOR: Ele não quer confessar.

O DEFENSOR: Eu não preciso da confissão de um criminoso.

O PROCURADOR: Penso da mesma forma.

O DEFENSOR (*à Primeira Testemunha*): O senhor conhece bem este homem?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sim, eu destaquei o ingresso dele.

O DEFENSOR: Tem certeza de que ele tinha um ingresso?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Tinha, sim.

O DEFENSOR: Olhe para a cara dele. O senhor não tem a impressão de que ele tem uma cara suspeita?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sim.

O DEFENSOR (*à Primeira Testemunha*): Mas, apesar

dessa cara suspeita, o senhor não acha que nesses olhos brilha uma luz clara e leal?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sim, os olhos são brilhantes.

O DEFENSOR: Mas, apesar desse brilho, lá, nas profundezas, há um ponto em que se concentra uma grande maldade.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sim, dá para ver a olho nu.

O DEFENSOR: Está claro que ele tem uma cabeça de criminoso.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Juro que sim, tem uma cabeça de criminoso.

O DEFENSOR: Mas os olhos, os olhos não podem ser de um criminoso. Olhe bem. Os olhos são, antes, olhos de vítima que de criminoso.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*confuso*): Com certeza.

O DEFENSOR: A mão que matou não pode ter sido controlada por esses olhos.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*convencido*): Sim.

O DEFENSOR: Então, o senhor reconhece que eu tenho razão.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Isso, o senhor tem razão.

O DEFENSOR: Então repita o que eu disse.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*quase chorando*): O homem... tem um clarão nos olhos... Não pode ser um criminoso.

O DEFENSOR: O senhor está mentindo, eu não disse isso.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Sim, senhor, eu minto o tempo todo.

O DEFENSOR: O senhor jurou dizer somente a verdade. Então, diga a verdade.

A PRIMEIRA TESTEMUNHA (*aturdido*): Sou eu o criminoso!

O DEFENSOR: Quem você matou, seu bruto?

A PRIMEIRA TESTEMUNHA: Eu matei minha mãe...

O DEFENSOR (*ao Procurador*): Que testemunha é essa? O senhor quer comprometer a justiça?

O PROCURADOR: Tenho outras.

O DEFENSOR: Traga-as.

O PROCURADOR (*à Primeira Testemunha*): Caia fora, rápido.

O JUIZ (*levanta-se em sobressalto*): Dê o fora!

O ESCRIVÃO (*espantando*): Xô!

O PROCURADOR: Adiante, próxima testemunha!

O DEFENSOR (*deixa-se tombar na poltrona e acende um cigarro*): Ah, essa gente!

(*A Primeira Testemunha sai. A Segunda Testemunha entra.*)

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*bonita, tímida*): Aqui estou.

O PROCURADOR: Nome, sobrenome, profissão.

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Eu me chamo Hilda. (*Angelical.*) Trabalho na chapelaria.

O PROCURADOR: Olhe um pouco ao redor da sala, por favor. Reconhece alguém?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Sim, reconheço todo mundo.

O PROCURADOR: Olhe bem para este homem; você o reconhece?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Eu o reconheço perfeitamente.

O PROCURADOR: Como?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Por causa do seu guarda-chuva e sobretudo.

O PROCURADOR (*indignado*): Ele tinha um guarda-chuva e um sobretudo?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Sem sombra de dúvida.

O PROCURADOR: E você poderia nos contar exatamente o que aconteceu?

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*começa a chorar*): Tenho vergonha, senhor.

O PROCURADOR (*coloca a mão ao redor dos ombros dela, com ternura*): Acalme-se, senhorita, nós lhe rogamos. É preciso que saibamos de tudo. Olhe-o nos olhos... você tem certeza de que é ele?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Não posso olhá-lo nos olhos. Não me peça isso...

O DEFENSOR: Mas como você sabe que é ele?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Eu sinto. Eu adivinho de cara qual sobretudo lhe cai bem, e qual guarda-chuva.

O PROCURADOR: Narre-nos tudo, minuto a minuto.

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*enxugando as lágrimas*): Eu não posso. Não quero.

O DEFENSOR: Foi tão desagradável assim?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Foi horrível!

O PROCURADOR: Sinto muito ter que reavivar essas lembranças ruins... Sinto muito mesmo... Se eu puder fazer alguma coisa por você...

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Não, senhor, cumpra seu dever.

O PROCURADOR (*ao Juiz*): Meritíssimo... há coisas que, remexidas sem delicadeza, colocam em perigo a saúde das testemunhas.

O JUIZ: Que ela beba um pouco d'água.

O ESCRIVÃO (*à mocinha*): Seja forte.

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*sempre enxugando as lágrimas*): Já acabou. Já passou. Estou pronta.

O PROCURADOR: Então, este homem, você o conheceu quando?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Um pouco antes do início do espetáculo. Eu estava no balcão da chapelaria e ele se aproximou...

O JUIZ (*excitado*): Devagar, devagar...

O DEFENSOR (*excitado*): E aí...?

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*com um pouco de medo*): Ele se aproximou, ele se aproximou... cada vez mais... cada vez mais...

O DEFENSOR: Até onde, meu bom Deus, até onde?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Ele se aproximou até... até...

O PROCURADOR: Havia outros espectadores por ali?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Alguns... cinco, seis...

O DEFENSOR: E ele, se aproximou sem se perturbar?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Sim, ele estava... perfeitamente descontraído.

O PROCURADOR: Ele disse alguma coisa?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Nada. Ele pura e simplesmente me estendeu seu sobretudo e seu guarda-chuva.

O JUIZ (*endireitando-se na poltrona*): Ele ousou? (*Aproxima-se dela.*) Como era o sobretudo?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Azul marinho.

O JUIZ (*ao Escrivão*): Anote isto.

O ESCRIVÃO: Anoto.

O JUIZ: Como era o guarda-chuva?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Preto.

O JUIZ (*ao Escrivão*): Você ouviu isso? Preto, anote.

O ESCRIVÃO (*escrevendo*): Todo preto...

O JUIZ (*vermelho de raiva*): Ele está perdido! (*Ao Espectador Acusado.*) Meu senhor, o senhor está completamente perdido.

O DEFENSOR (*ao Juiz*): Não berre, você sabe que isso te faz mal.

O JUIZ (*à mocinha*): E depois?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Ele os colocou sobre o meu balcão.

O JUIZ: É inacreditável!

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*levanta-se, histérica*): Sim, sim! Ele os colocou bem na minha frente. Eu poderia dizer que ele os deu para mim.

O JUIZ: Ah, que canalha... E você? (*Puxando-lhe a gola.*) E você? O que foi que você fez?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Eu lhe dei um número.

(*A Corte em estupor.*)

O JUIZ: Você lhe deu um número!?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Sim...

O JUIZ (*berrando*): Que número? Diga-me o número!

O PROCURADOR (*sussurrando*): Par? Ímpar?

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*perdida*): Eu não me lembro mais, não posso saber todos os números de cor... Eu nem gosto dos algarismos, eu queria ser atriz.

O JUIZ: Escrivão!

O ESCRIVÃO: Sim.

O JUIZ: Que tragam os corpos de delito.

O ESCRIVÃO: Estão na gaveta, à sua esquerda.

O JUIZ (*abre a gaveta, tira um guarda-chuva, vitorioso*): Ah! É isso?

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*envergonhada*): Sim.

O JUIZ: Que imundície!

O PROCURADOR: Puá!

O JUIZ (*tira o sobretudo*): Você o reconhece?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: É esse mesmo.

O ESCRIVÃO: Posso tirar uma conclusão, Meritíssimo?

O JUIZ: Tire.

O ESCRIVÃO: É um nojo só.

O DEFENSOR (*apalpa a gaveta*): Mas isso vem da gaveta.

O JUIZ (*tira um número*): E isto, é o número? (*Ele o passa ao Escrivão.*) Leia.

O ESCRIVÃO: Noventa e oito.

O JUIZ: Eu sabia. Um número par.

O PROCURADOR: Mas isso não é tudo, Meritíssimo.

O JUIZ: Certamente que não é tudo.

(*O Juiz começa a revistar os bolsos do sobretudo.*)

O PROCURADOR: Permita-me fazer uma pequena demonstração? (*Ao Escrivão.*) Senhor Escrivão, o senhor me faria a gentileza de ir verificar em que poltrona está sentado o acusado?

O ESCRIVÃO (*desce para a sala e verifica o número*): Cento e dois.

O PROCURADOR: Obrigado. Preste atenção, Meritíssimo. Adicionemos o número da chapelaria ao número da poltrona.

O JUIZ: Por quê?

O PROCURADOR: Por que não? É impossível que o resultado não tenha algum sentido.

O JUIZ (*ao Escrivão*): Faça a soma.

O DEFENSOR: Duzentos.

O ESCRIVÃO: Extraordinário!

O PROCURADOR: Vê? O que foi que eu disse?

O JUIZ: Impossível! Some o total outra vez.

O ESCRIVÃO (*cansado, mas vitorioso*): Duzentos, é claro!

O JUIZ (*ao Procurador*): Diga-me, o que isso quer dizer?

O PROCURADOR: O senhor não percebe? É um dos numerais mais pares possíveis.

O JUIZ (*à Segunda Testemunha*): Senhorita Hilda, como pôde lhe dar um número desses?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Eu estava em pânico e...

O JUIZ (*passa o sobretudo ao Procurador*): Reviste você também.

O PROCURADOR (*revista*): Nada. Não há nada.

O ESCRIVÃO: Eu também! Eu também! (*Revista um pouquinho.*) Nada. Senhorita Hilda, quer revistar um pouquinho?

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*com afetação*): Não sei se seria de boa educação para uma moça...

O ESCRIVÃO (*ao Juiz*): Será que ela pode revistar um pouco?

O JUIZ (*generoso*): Que ela reviste!

O ESCRIVÃO: Adiante, senhorita, a Corte lhe autoriza a revistar.

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*com timidez e excitação*): Oh, obrigado, um pouquinho só... um bolso só... sabem, na minha profissão, nunca me permito revistar os bolsos, nem mesmo para rir um pouco.

O ESCRIVÃO: Quer revistar também, senhor Defensor?

O DEFENSOR: Não... não... eu, não... mas, como está

sendo tão gentil, eu gostaria de desmantelar o guarda-chuva um pouquinho.

O ESCRIVÃO: Com prazer, faça isso.

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*solta um gritinho*): Ah!

O JUIZ: Encontrou alguma coisa?

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*transfigurada*): Acho que sim.

O PROCURADOR (*perde a calma, aproxima-se dela*): Devagar, senhorita, devagar, eu lhe rogo, mantenha a calma.

O ESCRIVÃO (*aproxima-se também, muito curioso*): Onde está, em que lugar?

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*fica imóvel, com a mão no bolso*): Aqui...

(*Todo mundo se debruça sobre o sobretudo.*)

O PROCURADOR: Seja delicada, eu lhe rogo, pelo amor de Deus.

O JUIZ: É sólido?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Não consigo saber, minhas mãos ficaram úmidas.

O DEFENSOR: É frio? Se é frio, posso tirá-lo eu mesmo.

A SEGUNDA TESTEMUNHA: É alguma coisa muito fina.

O DEFENSOR: Talvez fosse melhor chamar o comandante de polícia.

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Não, não... o objeto está entre os meus dedos.

O JUIZ (*no auge da excitação*): Agora, rápido, tire-o daí antes que seja tarde demais.

(*Ela fecha os olhos e tira um palito de dente. Todo mundo fica fascinado pelo objeto.*)

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Já posso abrir os olhos, não é nada de obsceno?

O JUIZ (*aéreo*): Um palito de dente!

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*aérea*): Um palito de dente!

O DEFENSOR: Como é preto!

O ESCRIVÃO: Não é preto, está sujo!

O DEFENSOR: Vê, senhorita, o que recebeu em sua chapelaria?

O JUIZ: Que maníaco! Que porco!

O PROCURADOR: Demoníaco, absolutamente demoníaco.

O JUIZ (*ao Espectador Acusado*): Veja só! Veja só o que eu faço com o seu sobretudo! Veja só! (*Ele pisa no sobretudo e começa a estraçalhá-lo.*) Veja só o que eu faço com o seu sobretudo imundo!

O PROCURADOR (*começa a estraçalhá-lo também*): Eu também, eu também!

O DEFENSOR (*bate o guarda-chuva contra o solo para desconjuntá-lo*): Assassino raivoso desprezível.

O ESCRIVÃO: Muito bem, muito bem.

O JUIZ: Deixe um pedacinho do guarda-chuva para mim.

(*Todos começam a arrasar com os objetos. Eles se empurram, disputando os melhores farrapos. Jogam os pedaços do sobretudo na sala.*)

O JUIZ: É preciso fazer uma grande limpeza, é preciso rasgar tudo até o último pedaço.

O ESCRIVÃO: Voltemo-nos aos Antigos!

O DEFENSOR: Tudo. Tudo. Tudo. (*Começa a rasgar o sobretudo com os dentes.*) Rasguem, senhores, rasguem... (*Ele se aproxima de um dos espectadores.*) Pegue, senhor, pegue daí e me ajude.

O PROCURADOR (*ao Juiz, que se engalfinha com o guarda-chuva*): E o senhor? Está dando certo?

O JUIZ: Mais ou menos... É um guarda-chuva suíço.

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*ao Juiz, indicando o Espectador Acusado*): Dê-lhe para que ele mesmo o estraçalhe.

O JUIZ (*urrando selvagemente*): Não, eu quero mais!

(*Todo mundo se engalfinha com um derradeiro pedaço intacto do sobretudo. No meio da balbúrdia, alguém arranca de repente a manga da vestimenta do Juiz. Ninguém percebe de onde veio e todos se lançam sobre ela para rasgá-la.*)

O JUIZ: Chega! Chega!

O PROCURADOR: Não! Não! É preciso ir até o fim.

O JUIZ: Não! Já chega! (*Ao Defensor.*) Lulu, diga-lhe para parar.

O DEFENSOR (*muito excitado pela destruição, arremessa a gaveta ao solo*): Never more!

O JUIZ: Parem, crianças, parem!

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*histérica*): O que eles estão olhando? Por que não vêm nos ajudar?

O JUIZ: Basta, crianças, estamos nos tornando ridículos.

O ESCRIVÃO (*esforça-se para recuperar suas pastas da mão do Defensor*): Não! Os autos não!

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Sim! Sim! Senhor Juiz, temos que destruir até o menor vestígio deste homem, o menor traço de sua presença... aqui... no universo. Que ninguém saiba mais nada dele! Que sopre o nada!

(*A Segunda Testemunha pega pedaços de papel e os sopra em volta de si mesma. O Juiz tira um frasco de álcool do coldre de seu revólver e bebe.*)

O JUIZ (*oferece o frasco ao Defensor*): Um gole? E deixa pra lá.

O DEFENSOR (*bebe*): A moça tem razão. É preciso cortar o mal pela raiz ou não vale a pena.

O ESCRIVÃO (*também pega o frasco*): Devemos nos esquecer de que o vimos, devemos tão simplesmente perder a memória.

O DEFENSOR (*retoma o frasco*): Seria melhor se perdêssemos a memória todos ao mesmo tempo. Em público,

se possível. É muito importante perder a memória de uma maneira organizada e sem esperança... Todos, olhando nos olhos uns dos outros... Seria desleal e muito feio querer se evadir...

O ESCRIVÃO (*retomando o frasco*): Eu juro! Eu juro que não ficarei tranquilo até ter destruído grão a grão o cérebro deste homem... o cérebro deste homem que se cala...

O PROCURADOR: Agora! Eu lhes rogo, façamos isso imediatamente. Para podermos voltar mais cedo para casa.

O JUIZ: Que casa? Minha casa é a lei, é a justiça!

O PROCURADOR: E então? Estamos mesmo todos de acordo? O criminoso também?

O JUIZ (*ao Procurador, indicando o Espectador Acusado*): Está vendo? Ele não acredita.

O PROCURADOR: Ele não acredita?

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Não acredita no quê?

O JUIZ: Ele não acredita que é o criminoso.

A SEGUNDA TESTEMUNHA: E o meu trabalho, ora? E tudo o que eu fiz?

O JUIZ: O seu trabalho! (*Ao Escrivão.*) Jogue-a daqui para fora! (*Ele se debruça, muito atento, sobre o Espectador Acusado.*) Ele não acredita, é certo. Olhem bem para ele; ele não tem cara de criminoso convencido de que é um criminoso.

O ESCRIVÃO (*examina atentamente, ele também, o Espectador Acusado*): E sobretudo se considerarmos essas dobrinhas ao redor de sua boca...

O PROCURADOR (*após um exame minucioso*): Não, definitivamente não, ele não acredita.

O JUIZ: Foi o que eu lhe disse, ele não acredita. É preciso fazer com que ele acredite de alguma forma.

O PROCURADOR: Mas é evidente, é claro como o dia. Todo mundo acredita. Por que justo ele não acredita? (*Ao público.*) Senhores, senhoras, digam alguma coisa. Façam com que ele acredite de alguma forma. (*Ao Espectador Acusado.*) Senhor, diga alguma coisa, levante-se, faça alguma coisa. O senhor sabe muito bem que é, o que está pensando, você sabe muito bem que sabemos de tudo...

O ESCRIVÃO: Confesse!

O JUIZ: Eu o conheço, ele nunca abrirá a boca.

O DEFENSOR: Não vale a pena prolongar isto indefinidamente... Confesse tudo. Eu sou seu defensor, não vale a pena esconder de mim seja o que for. Eu sei que o senhor é um criminoso, mas quero defendê-lo assim mesmo. Sim, eu quero defender o senhor. Não de sua culpabilidade, pois ela está escrita na sua testa. Eu quero defendê-lo de você mesmo.

O ESCRIVÃO (*fascinado pelo discurso*): Bravo!

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Que homem!

O JUIZ (*ao Escrivão, sussurrando*): Jogue-a daqui para fora!

O DEFENSOR: Senhor acusado, eu lhe conjuro, é muito importante poder, pelo menos uma vez na vida, chamar as coisas pelo nome. O senhor tem agora uma chance única. Uma chance que todos gostariam de ter. O senhor tem a chance de confessar tudo, em público, diante do mundo inteiro, diante da civilização. Imagine o alívio moral que isso representa! Não perca esta ocasião. Confesse que é um criminoso. Os olhos de todo mundo estão pregados em você. Todo mundo está pronto a escutá-lo e acreditar em você... Levante-se, diga tudo o que traz no coração. O senhor teve a sorte de ocupar essa poltrona. É uma chance de um por cento, uma em mil, uma em dez mil. Pense nisso. Quanto tempo passará até que o acaso o lance outra vez na poltrona 102? Vamos!

O PROCURADOR: Vamos, senhor!

O JUIZ (*desanimado*): Bah!

O ESCRIVÃO: Coragem!

O DEFENSOR: Senhor, se continuar assim, mudo e sorridente, não terei nenhum meio de defendê-lo. Eu gostaria de defendê-lo da mentira, da grande mentira que se enreda no senhor, em seu cérebro. Eu gostaria de defendê-lo dessa mentira fazendo-lhe confessar tudo. Eu gostaria de defendê-lo dessa mentira porque a mentira do seu coração e do seu cérebro nos mata a todos, nos desmembra, nos enlameia a todos com o lodo mais escuro e mais espesso. E o seu silêncio é também uma mentira, pois o senhor realmente tem algo a confessar. Senhor, alivie sua consciência, alivie-se e eu lhe juro que se sentirá leve como um floco de neve.

O JUIZ: Fini! Já chega. Ele não quer. Continuemos o interrogatório das testemunhas.

O DEFENSOR (*ao Espectador Acusado*): Por que quer que eu chame todas essas testemunhas imbecis? Seja homem!

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*ao Espectador Acusado, indicando o Defensor*): Seja como ele!

O JUIZ (*ao Escrivão*): Em nome do bom Deus, jogue-a daqui para fora!

O ESCRIVÃO (*à mocinha*): Vá, volte ao trabalho, talvez cheguem espectadores querendo entrar no intervalo.

A SEGUNDA TESTEMUNHA: Mas quem iria querer entrar no intervalo? Ninguém quer entrar no intervalo.

O ESCRIVÃO: Sempre tem aqueles que querem entrar no intervalo. (*Indicando o acusado.*) Eu aposto que o senhor gostaria de entrar só no intervalo!

A SEGUNDA TESTEMUNHA (*muito doce, ao Espectador Acusado*): O senhor quer ir embora no intervalo? Um homem como o senhor!

O ESCRIVÃO: Chega! Volte aos seus paletós! (*Ao público.*) Intervalo, senhoras e senhores, intervalo. Prestem atenção ao que vocês vão fazer durante o intervalo. Aqui tem papel para vocês. E muitas canetas e lápis. Todos os que quiserem dar seu testemunho poderão fazê-lo. Temos aqui documentos, muitos documentos, documentos preciosos que colocaremos à disposição de vocês. Temos fotos do acusado, todas as suas fotos. Temos milhares de fotos do acusado criança. Milhares de fotos. Pedimos que as consultem. (*Abre os biombos atrás dos quais estão todas essas coisas.*) Temos aqui todas as roupas do acusado, grandes armários com todas as suas roupas. Pedimos que examinem essas roupas.

Temos os livros dele, todas as suas pastas de documentos, todos os pratos nos quais ele comeu, todos os garfos e todas as facas que ele utilizou, todos os óculos que usou, todos os bilhetes de trem e de ônibus que ele validou, todos os jornais que ele leu e amassou, todos os vasos de flores que ele quebrou, tudo, tudo, tudo. Eu lhes peço que olhem e consultem isto tudo... A verdade boia na superfície desses objetos como uma gota de óleo na superfície de uma panela de água. Aproximem-se, aproximem-se. Podem ler nesta mesa, podem se servir de café, podem olhar o acusado nos olhos. Eu lhes peço, senhoras e senhores, saiam do anonimato.

(*Falso intervalo. Atendentes trazem bandejas de café e de limonada, que depositam na cena, transformada em saguão para a ocasião. Elas servem o público. A Corte continua trabalhando no meio das louças e dos objetos que o público deixa bagunçados. Dezenas e dezenas de xícaras e pires sujos.*)

O JUIZ (*pega uma xícara com um resto de café, bebe, faz uma careta e repousa a xícara*): Que entre a terceira testemunha!

O PROCURADOR (*ao Escrivão*): A terceira testemunha!

O ESCRIVÃO (*repete em direção aos bastidores*): A terceira testemunha.

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*uma mulher gorda que serviu café e limonada durante a pausa*): Aqui estou, senhor.

O PROCURADOR: Nome, sobrenome, profissão!

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Meu nome é Gudrun. Eu trabalho na lanchonete do teatro.

O PROCURADOR: E o que é que a senhora costuma fazer?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Café, sanduíches...

O JUIZ (*furioso*): Mas não nos serviram sanduíches!

A TERCEIRA TESTEMUNHA: A Olida[1] está em greve.

O PROCURADOR: Enfim... Quando é que a senhora faz todas essas coisas?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Faço durante a representação.

O PROCURADOR: E durante o intervalo?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Durante o intervalo, eu sirvo.

O PROCURADOR: A senhora veio servir durante o intervalo?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: É claro. Eu trouxe dez bandejas de café e treze bandejas de limonada.

O PROCURADOR: Quantas xícaras de café, aproximadamente, em cada bandeja?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Vinte xícaras, eu acho.

O PROCURADOR: E quantos copos de limonada?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Em média, dez copos de limonada por bandeja...

O PROCURADOR: Por que tão pouco?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Essa é a proporção.

---

[1] Olida: tradicional fabricante francês de salames e embutidos. (N. T.)

O PROCURADOR: Explique-nos claramente o que a senhora entende por proporção.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Nem todos os que tomam café, tomam necessariamente limonada. Logo, é normal que venha menos limonada do que café. Por um lado, tem gente que não toma café, mas é muito raro. Por outro, tem aqueles que não tomam nem café nem limonada, mas são tão raros que nem vale a pena falar deles. Os mais numerosos são os que tomam café e limonada. Esse pessoal toma o café até o fim ou quase até o fim e, depois, mal molha os lábios na limonada. Mas, veja, senhor, só isso já basta para termos que jogar fora. Os da quarta categoria, menos numerosos, tomam só limonada. Tomam a metade do copo, ou o copo inteiro. Tem aqueles que tomam de um só trago e os que ficam brincando com o copo e bebericando, em golinhos...

O PROCURADOR: Então, isso significa que temos quatro categorias de pessoas sobre a terra.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Sim, quatro.

O PROCURADOR: Peço-lhe que olhe muito atentamente ao seu redor... Poderia nos dizer quem tomou café e quem tomou limonada?

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*muito confiante*): Claro! (*Ela se aproxima de um dos espectadores.*) Este senhor tomou café.

O PROCURADOR (*ao Juiz*): Meritíssimo, eu gostaria de apresentar provas irrefutáveis de que a testemunha tem uma memória perfeita e um espírito de observação fora do comum. Observe, Meritíssimo.

(*Sobre a tela aparece a foto do espectador apontado pela atendente. A foto é um instantâneo tirado durante o intervalo. O espectador está mesmo tomando café.*)

O PROCURADOR: Este senhor tomou mesmo café. (*À atendente.*) Continue.

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*indica outro espectador*): Este senhor tomou café e limonada.

O PROCURADOR: Em que ordem?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Primeiro café, depois limonada.

O PROCURADOR: Prestem atenção, senhoras e senhores. (*Nova projeção.*) Eis nosso distinto espectador que aprecia seu café entre amigos. E aqui... (*Buscando a foto, passa várias outras inadvertidamente.*) Aqui, eis o espectador no momento preciso em que estende a mão para pegar um copo de limonada.

O ESCRIVÃO (*admirado*): A senhora é formidável!

O PROCURADOR: Continuemos, senhora. Queremos que o público tenha total confiança na senhora. Que o público jamais duvide de nossas testemunhas. E que os testemunhos se apresentem como leis intangíveis. Continue!

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*observando a sala*): Eu poderia lhes indicar um senhor que fumou o tempo todo e não tomou nada.

O PROCURADOR (*indignado*): Nem café, nem limonada!

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Nem café, nem limonada.

O PROCURADOR: Mostre-nos.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Ele ali.

(*Projeta-se a foto na tela.*)

O PROCURADOR: Senhores, temos aqui uma série impressionante de *slides* por meio dos quais podemos demonstrar que esse senhor realmente não consumiu nada. Observem bem, eis o *slide* número 1. Vocês o veem aqui no momento em que ele se levanta da cadeira para aproveitar o intervalo.

(*Troca o* slide.)

O mesmo, de costas. O espectador está totalmente de pé. Podem observar como ele coloca a mão no bolso, provavelmente para procurar seus cigarros. No plano de fundo, vemos a dona Gudrun trazendo a primeira bandeja de café. Se quiserem confirmar o que estamos dizendo, podem observar que a cadeira da qual se levantou traz o número 46.

(*Troca o* slide.)

Observem aqui o momento em que o espectador 46 acende o primeiro cigarro. Ao fundo, as pessoas espremidas em torno das bandejas.

(*Troca o* slide.)

Vejam o cigarro já metade consumido. Podem observar que o espectador 46 veio sozinho ao teatro.

(*Troca o* slide.)

Eis o momento em que o espectador 46 apaga sua bituca no cinzeiro. Observem, no plano de fundo, os grupos já formados que discutem e tomam café.

(*Troca o* slide.)

O espectador 46 continua sozinho. Deu, porém, alguns passos na direção de uma das mesas nas quais havia café.

(*Troca o* slide.)

Esta imagem é um pouco duvidosa... O espectador 46 olha fixamente uma das xícaras de café. É evidente que uma luta acontece dentro dele. Tomar ou não tomar café.

(*Troca o* slide.)

A vitória do espectador 46! Ele acendeu outro cigarro e se afasta alguns passos da mesa.

(*Troca o* slide.)

Eis o último terço do segundo cigarro.

(*Troca o* slide.)

Eis a bituca do segundo cigarro, apagada ao lado da primeira... Muito meticuloso e organizado esse espectador. Aplausos para o espectador 46!

(*Foco de luz sobre o espectador 46. Se os espectadores não aplaudirem, a sonoplastia coloca os aplausos.*)

Meritíssimo, ainda é necessário demonstrar que a testemunha tem um espírito de observação excepcional e que representa a credibilidade em estado puro?

O JUIZ: Não, o senhor foi perfeitamente eloquente.

O PROCURADOR: Aplausos para o nosso Juiz! (*Foco de luz sobre o Juiz, que se levanta e saúda. A sonoplastia*

coloca aplausos.) Dona Gudrun, nós lhe pedimos que volte à tribuna.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Já os identifiquei a todos, senhores, todos. Eles se misturaram, mas posso separá-los de acordo com as suas categorias.

O DEFENSOR: Não é necessário. (*Ele indica o Espectador Acusado.*) Agora, eu lhe peço que observe um pouco esta pessoa que está sentada bem à sua frente.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Qual?

O DEFENSOR (*indica outra vez o Espectador Acusado*)**:** Ele.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Não estou vendo nada.

O DEFENSOR (*coloca a mão horizontalmente sobre a cabeça do Espectador Acusado*)**:** Olhe na direção da minha mão.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Estou olhando.

O DEFENSOR: Está vendo a minha mão?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Estou vendo.

O DEFENSOR: O que é que estou fazendo agora?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Está mexendo os dedos.

O DEFENSOR: Fixe o seu olhar sobre a minha palma. Abaixe devagar seu olhar. O que a senhora está vendo sob a minha palma?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Nada.

O JUIZ (*saltando da poltrona*)**:** Eu lhe conjuro, concentre-se, não é possível que não esteja vendo nada.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Senhor Juiz, estou olhando com todos os olhos que tenho, mas não vejo nada.

O ESCRIVÃO: Devo acender outro projetor?

O JUIZ: Sim, acenda todos os projetores que puder.

O DEFENSOR: Agora, está vendo alguma coisa?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Acho que tem luz demais, tem tanta luz que eu só vejo luz.

O ESCRIVÃO (*confuso, ao Juiz*)**:** Talvez a gente é que esteja enganado.

O DEFENSOR: Diminua um pouco a luz para que a testemunha possa enxergar.

(*Fica um único projetor sobre o espectador acusado.*)

O JUIZ: E então?

O ESCRIVÃO: Hein?

O DEFENSOR: Diga alguma coisa, não é possível que não veja nada.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Sim, agora estou vendo.

O JUIZ (*aliviado*)**:** Então ele existe!

O DEFENSOR: Mas o que é que está vendo?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Estou vendo...

O ESCRIVÃO: O quê? O quê?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Estou vendo... uma poltrona.

O DEFENSOR: Uma poltrona? Só isso?

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*convencida*): Só isso.

O JUIZ: Mas abra bem os olhos, pelamor.

O DEFENSOR (*ensandecido*): Dona Gudrun, eu lhe rogo... Nessa poltrona, nessa porcaria de poltrona, a senhora não vê nada?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Nada. Mas estou vendo alguma coisa debaixo da poltrona.

O JUIZ: O quê?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Uma moedinha.

O JUIZ: Livrem-se dessa maldita moeda! Porque vocês não recolheram as moedas debaixo das poltronas? Não estão vendo que a testemunha não consegue enxergar por causa delas?

O ESCRIVÃO: Essa se extraviou, Meritíssimo. O senhor não está querendo que eu me enfie debaixo da poltrona dele.

(*Ele faz isso e apanha uma moeda.*)

O DEFENSOR: Pronto, não há mais barreira.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Sim, acho que estou vendo alguma coisa... Estou vendo uma coisa preta.

O JUIZ: Sim, sim. Chame as coisas pelo nome.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Estou vendo dois pés pretos.

O PROCURADOR (*triunfante*): Isso mesmo! Senhores, podemos nos certificar de que a testemunha viu bem! (*Projeta um* slide.) Eis aqui os pés do acusado. Aqui fotografados de frente... (*Troca o* slide.) E de trás... Continuemos, dona Gudrun, o que mais a senhora está vendo?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Estou vendo dois sapatos.

O PROCURADOR: Aqui estão! (Slide.) Sapato esquerdo e sapato direito.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Acho que estou vendo um pescoço.

O PROCURADOR (*projeção*): Eis o pescoço do acusado! De frente e de trás.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Estou vendo um nariz, senhor Procurador.

O PROCURADOR (*projeção de um nariz muito ampliado e grotesco*): O nariz do acusado!

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Uma boca.

O PROCURADOR (*projeção bem ampliada de uma boca, contendo todos os detalhes*): Uma boca! Uma boca. Incontestável.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Um olho.

O PROCURADOR (*mesmo tipo de projeção*): Aqui está o olho esquerdo.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Mais outro olho.

O PROCURADOR (*projeção*): Muito bem, o olho direito!

A TERCEIRA TESTEMUNHA: E mais outro olho.

O PROCURADOR: Como?!

A TERCEIRA TESTEMUNHA: E mais outro, e mais outro. Dezenas e dezenas de olhos.

O JUIZ: Dê-lhe um pouco d'água.

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*ela bebe*): Vejo ainda uma mancha minúscula na borda da calça.

O DEFENSOR: Uma mancha?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Uma minúscula mancha de gordura.

O PROCURADOR (*confuso*): Um segundo, um segundo... (*Procura o* slide; *ao projetar rapidamente todos os outros, é possível ver todas as partes do corpo do acusado, dedos, unhas, costelas, cabelos, etc.*) Não encontro a mancha.

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Na borda da perna direita da calça.

O PROCURADOR (*projeta a perna esquerda*): Aqui? Não... (*Projeta a perna direita.*) Aqui? Mas, afinal, não se vê nada... (*Ele amplia a imagem.*) Escrivão, por que não se vê a mancha?

O ESCRIVÃO: Vai ver que ele fez essa mancha durante o intervalo.

O DEFENSOR: Poderia se aproximar e apontar a mancha na tela?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Com prazer. (*Ela observa a calça do acusado, dirige-se para a tela e marca uma cruz com giz na localização da mancha.*) Aqui!

O DEFENSOR: Perfeito. Agora, todos esses elementos díspares... Boca, nariz, pescoço, olho, mancha... consegue reuni-los em um conjunto?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Que elementos? Que conjunto?

O PROCURADOR: Dona, todos esses pedaços, é preciso encaixá-los uns nos outros... Os elementos não flutuam no ar... Formam um corpo... Não está vendo o corpo, a pessoa?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Não.

O ESCRIVÃO: Ilumino?

O JUIZ (*exasperado*): Dona, na sua frente há um ser humano!

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*fascinada*): Formidável! Isso tinha me escapado...

O ESCRIVÃO: Entendeu, afinal?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Sim! Desta vez, sim! Está entre os que só tomam café.

O DEFENSOR: Olhe para a cara dele. A senhora a reconhece?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Sim, é a cara de um criminoso.

(*Todo mundo suspira, aliviado.*)

O PROCURADOR: Enfim!

O JUIZ: Bravo!

O ESCRIVÃO: A senhora colocou o dedo na ferida.

O DEFENSOR: Mas como a senhora percebeu que ele tinha cara de criminoso?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Eu observei como ele beberica o café. Ele deu suas goladas tranquilamente, com tenacidade, como um animal que devora sua vítima e bebe seu sangue em êxtase. Eu o observei com atenção, eu me lembro como tive medo quando seu olhar cruzou com os copos de limonada.

O JUIZ: Ele também tocou a limonada?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: É justamente isso, senhor, ele não tocou a limonada, mas a olhou com tamanho desprezo que podemos deduzir facilmente que mecanismo infernal ele tem na cabeça.

O ESCRIVÃO: Isso é horrível, realmente horrível.

O PROCURADOR: Meritíssimo, creio que as provas são conclusivas. Nós podemos agora passar ao veredito.

O JUIZ: Senhor Defensor, gostaria de fazer isso?

O DEFENSOR: Senhoras e senhores, só tenho uma palavra a dizer. À morte! Não posso macular minhas mãos defendendo um homem que traz o crime exposto na testa feito uma ferida. Porque, senhores, essa cara

é transparente como uma vitrine. (*Pega uma vareta e indica, na cara do acusado.*) Dá para ver através dele... daqui até lá... (*Indica o occipital.*) Do outro lado... até o cérebro... Esse cérebro está putrefato e pulula de dúvidas, medos e covardias... Esse cérebro é um depósito de todos os vícios e de todos os defeitos humanos... Pensem nisso... Lembrem-se de como foram as audições das testemunhas... Este homem foi declarado criminoso e não reagiu. Este homem foi humilhado e não reagiu. Suas roupas foram rasgadas, seu guarda-chuva foi dilacerado e ele não reagiu. Nós distribuímos suas fotos pela sala e ele não disse nada. Foi-lhe dito em alto e bom som que ele era um porco, um frouxo, um sapo e ele sorriu. Cada fibra do seu ser foi dissecada, fotografada, analisada, exposta ao público sobre todas as paredes deste tribunal e ele se calou, a tudo observou com olhos plácidos e não ergueu um único dedo em sinal de protesto. Este homem jamais teve alguma opinião, notas de dinheiro lhe foram atiradas na cara e ele não saltou de sua poltrona. Ele foi excluído da ordem da espécie humana e nenhum músculo de seu rosto sequer estremeceu. Não tenho nenhum meio de defender um tal delinquente. Não posso defendê-lo, senhores, não posso defender quem perverteu seu cérebro até sua autoanulação. Não posso defendê-lo, fico pura e simplesmente desarmado diante do caso... Senhores, este homem nem sequer devia ser julgado. É uma vergonha que este processo tenha lugar, que tenha começado até... Este homem devia ter sido morto na entrada, acuado na porta, esmagado em sua poltrona... Senhores, não esperem uma lei que nos dê um veredito para esse crime atroz... o crime em face de si mesmo... Não existe lei que o possa sancionar. Não esperem uma lei que não pode vir, e que não tem de onde vir... Que ele seja eliminado e voltemos para nossas casas.

O PROCURADOR (*abraça o Defensor*): Você é formidável.

O JUIZ (*abraça o Defensor*): Bravo, Lulu!

O ESCRIVÃO (*apertando-lhe a mão*): Foi extraordinário, foi realmente extraordinário.

A TERCEIRA TESTEMUNHA (*quase chorando*): Eu estou feliz, tão feliz... Se por acaso precisarem de mim...

O JUIZ: Aplausos, senhoras e senhores, aplausos! É um grande dia! O criminoso foi desmascarado. O inimigo da espécie humana foi desmascarado.

(*A sonoplastia coloca aplausos ensurdecedores.*)

O ESCRIVÃO: Trago o fuzil?

O JUIZ: Traga, rápido.

O PROCURADOR (*olha o relógio*): Ainda vai dar tempo de ver alguma coisa na TV.

O ESCRIVÃO (*traz o fuzil desmontado*): Aqui está.

O DEFENSOR: Perfeito.

O JUIZ: Muito bem. Adiante.

O DEFENSOR: Mas o senhor disse que queria atirar.

O JUIZ: Ah, não, não, eu tremo por causa do álcool, seria uma pena errar o alvo.

O PROCURADOR: Nem eu... Meu estômago dói...

O DEFENSOR: Senhor Escrivão, talvez o senhor...

(*O fuzil passa de mão em mão.*)

O ESCRIVÃO: Ah, não, senhor, não, eu sofro de hérnia, eu já não suporto mais a visão do sangue.

O JUIZ (*ao Defensor*): Lulu, atire você, feche os olhos e atire.

O DEFENSOR: Eu, o Advogado de Defesa? (*À Terceira Testemunha.*) Dona Gudrun, a senhora não gostaria de prestar um servicinho à justiça?

A TERCEIRA TESTEMUNHA: Não, senhor, preciso preparar café para a próxima sessão.

O JUIZ (*ao público*): Senhoras e senhores, alguém que queira atirar?

O DEFENSOR: Senhores, senhoras, será que há alguém aí que saiba manejar um fuzil? Por favor, o fuzil está armado.

O PROCURADOR (*dirigindo-se a um espectador*): Faça essa bondade, senhor...

O JUIZ (*ao público*): Vamos, um voluntário... Não podemos fazer tudo, acreditem, deem-nos uma mãozinha.

O DEFENSOR (*ao Espectador Acusado*): Senhor, seja homem, ao menos uma vez na vida... Pegue o fuzil, vá para o saguão e meta uma bala na sua cabeça.

O PROCURADOR: Uma bala só, não vai doer, o senhor não sentirá nada... Todo mundo vai aplaudi-lo, será um belíssimo final e todos poderemos voltar para casa... Se o senhor fizer isso, esse gesto, significa que nem tudo está perdido, significa que alguma coisa ainda palpita em seu

cérebro... uma faísca... Que, no último segundo de sua vida, o senhor se deu conta da importância do seu crime...

O ESCRIVÃO: Vamos, senhor, dispare!

O JUIZ: Ele não quer...

O ESCRIVÃO: Jesus amado, ele vai viver... Eu pressinto que ele vai viver muito tempo, vocês verão... Vai viver até a sua morte. Ele ganhou...

O JUIZ: Mas se não podemos matá-lo, podemos julgá-lo até a sua morte.

O PROCURADOR: Senhoras e senhores, talvez seja preciso ficarmos aqui juntos a noite inteira... encerrados aqui como num templo... E que até o amanhecer nós nos digamos tudo...

O JUIZ: É preciso que nos arrependamos juntos.

O PROCURADOR (*ao Espectador Acusado*): Senhor, estou prestes a reconhecer minha culpa. Quero reconhecê-la diante do senhor. Perdoe-me por lhe ter injuriado... por ter sido precipitado com o senhor. Reconheço que fiz do senhor um criminoso... Mas eu juro que é exatamente isso o que penso do senhor... (*Dobra um joelho diante do Espectador Acusado.*) Será que tratei o senhor como um pobre fantoche ou não? De todo modo, é o que penso do senhor. É isso o que o senhor é... E eu também, sou um pobre fantoche, porque eu bem poderia estar em seu lugar... porque cada um aqui poderia estar em seu lugar... porque todos nós embarcamos nesta história suja... Todos nós a temos pregada nas nossas testas... Porque sabemos tudo o que faz mal, de onde vem o mal e por quê...

e por que ele continua aí e por que ele continua nos arrancando as tripas, ainda e ainda... O senhor compreende como é grave este instante. Por isso faço do senhor uma fera, eu o rebaixo à ordem das feras e o senhor sorri pensando que é o meu papel, que só estou representando o meu papel... Mas como o senhor sabe se não penso exatamente o que diz o meu papel... Como sabe se não estou improvisando... Como sabe se o próprio papel não é uma improvisação, que diz a verdade enganando a todos os que estão ouvindo. (*Ao Juiz.*) Meritíssimo, interrogue-me! Eu lhe conjuro, interrogue-me!

O JUIZ: O senhor é o Procurador, como eu poderia submetê-lo a um interrogatório?

O PROCURADOR: Meritíssimo, se o senhor me submeter a um interrogatório, poderemos acuar melhor o incriminado.

O JUIZ: Nome, sobrenome, profissão.

O PROCURADOR: Eu sou um porco e assassino, um monte de estrume, um inseto.

O JUIZ: Mas não... não...

O PROCURADOR: Mas sim, sim, eu lhe peço que continue, se eu não tiver perguntas para responder sinto que vou sufocar. Tenho absoluta necessidade de responder... Quero revelar tudo o que sei, tudo o que acumulei no meu cérebro... Aqui, no meu cérebro putrefato... Porque eu tenho um cérebro putrefato e molenga... Olhe um pouquinho dentro do meu cérebro... Ele está roído por dentro... Ele pode entrar em colapso de uma hora para outra... Interrogue-me, Meritíssimo...

O JUIZ: O que é que o senhor faz na vida?

O PROCURADOR: Faço todo tipo de sujeira.

O JUIZ: Esclareça.

O PROCURADOR: Tenho as mão sujas. É claro o bastante?

O JUIZ: Escrivão!

O ESCRIVÃO: Sim, Meritíssimo.

O JUIZ: Traga-me o dossiê deste indivíduo, o Procurador.

O ESCRIVÃO: Já está na sua frente.

O JUIZ (*folheando*): O senhor é... parece-me... ator.

O PROCURADOR: Isso mesmo, tenho uma profissão suja. É a profissão mais suja e mais ingrata, eu minto o tempo todo.

O JUIZ: Onde o senhor atua?

O PROCURADOR: Em todo lugar... No teatro e na minha vida íntima.

O JUIZ: O que é que o senhor entende por vida íntima?

O PROCURADOR: Minha vida íntima é sempre invadida pela simulação. Não consigo escapar dessa doença; mesmo quando durmo, eu durmo de uma forma que, quem me visse, diria: mas que bela forma de dormir!

O JUIZ: Deve ser muito desconfortável!

O PROCURADOR: É terrível! Sou sempre tentado, no restaurante, a me sentar no lugar onde possam me ver melhor. Quando falo com o garçom, eu o olho nos olhos, pronunciando palavras raras e timbrando a voz. Dou um tempo esperando que ele tenha me visto na TV ou onde for e me reconheça.

O JUIZ: Que feio, isso, muito feio.

O PROCURADOR: Faço coisas inacreditáveis, absolutamente inacreditáveis. Eu sofro da próstata, minha libido é indecisa, mas, ainda assim, alimento os sentimentos de inúmeras mulheres.

O JUIZ: Mas como você faz?

O PROCURADOR: Eu simulo cansaço da vida... Simulo estados meditativos, ansiosos... Falo do cosmos, da metafísica e elas me escutam fascinadas, com lágrimas nos olhos... Aí explico que meu destino neste mundo é mais elevado do que fazer amor com elas.

O JUIZ: Escrivão! Anote o endereço de todas essas mulheres.

O PROCURADOR: Estamos nos afastando do assunto, Meritíssimo. Meritíssimo, quero perguntas simples e claras, perguntas sutis e acusatórias.

O JUIZ: Quantos anos tem?

O PROCURADOR: Tenho 33 anos, a idade de Cristo, é uma idade na qual eu gostaria de começar uma vida nova.

O JUIZ: De que lhe servirá uma vida nova? Do que o senhor não gosta nesta de agora e como pretende começar uma vida nova?

O PROCURADOR: Bem, vou lhe dizer como vou começar uma vida nova. Primeiro de tudo, vou descer até o fundo.

O JUIZ: Onde?

O PROCURADOR: Ao fundo do lodaçal. Quero me afundar, me abismar tão fundo até sentir que não dá para descer mais baixo... ao mais profundo da covardia e da vergonha...

O JUIZ: Mas por que fazer isso?

O PROCURADOR: No momento em que eu estiver lá, no último degrau, no fundo do lodaçal, não terei outra escolha senão começar meu voo em sentido inverso, para a luz, para a humanidade.

O ESCRIVÃO (*encantado*): Isso é maravilhoso! Meritíssimo, eu também quero ser interrogado.

O JUIZ: Mas que asneiras são essas? Recobrem os ânimos! Não devemos nos esquecer do fim último deste processo. Não continuo mais o interrogatório se ele não servir a esse fim.

O PROCURADOR: Mas lhe asseguro que é para lá que vamos.

O JUIZ: Então, o senhor é ator? O senhor atuou nesta noite também?

O PROCURADOR: Evidente que sim.

O JUIZ: Não foi tanto que eu tenha percebido. Onde o senhor estava durante o primeiro ato?

O PROCURADOR: Em cena, ao seu lado!

O JUIZ (*ao Escrivão*): Ele estava mesmo?

O ESCRIVÃO: Não me lembro mais, Meritíssimo.

O JUIZ (*ao Procurador*): Como o senhor pode provar que estava em cena?

O PROCURADOR: Como posso provar? Mas se todo mundo me viu.

O JUIZ: Quem viu o senhor? Mostre-me um só homem, dê-me o nome de uma só pessoa que tenha visto o senhor.

O PROCURADOR: Meritíssimo, essa pergunta é absurda.

O JUIZ: As perguntas jamais são absurdas. Elas têm lá seu sentido. O senhor deve nos dar provas de que estava em cena durante o primeiro ato.

O PROCURADOR: O senhor me dá nos nervos, Meritíssimo.

O JUIZ: Parece que o senhor tem o costume de ficar desfilando por aí. Durante o segundo ato, o senhor estava em cena?

O PROCURADOR: Mas agora é que estamos fazendo o segundo ato!

O JUIZ: Então o senhor acredita nisso, que agora estamos fazendo o segundo ato?

O PROCURADOR: Mas é claro como o dia.

O JUIZ: Nada é claro como o dia enquanto nada ficar provado. Que provas o senhor tem de que agora estamos fazendo o segundo ato?

O PROCURADOR: Mas eu lhe dou a minha palavra! O senhor é completamente estúpido.

O JUIZ: Não insulte a justiça, pois a justiça pode acabar com você. O senhor deveria se preocupar exclusivamente em fornecer provas. Repito, que provas o senhor tem de que estamos aqui no segundo ato?

O PROCURADOR: Mas, nós... O senhor... Todos nós... Estamos aqui... Este é o segundo ato!

O JUIZ: Mas como o senhor pode provar que está aqui?

O PROCURADOR: Eu sou, eu existo, eu posso ser visto. Coloque a sua mão em mim.

O JUIZ: Senhor, não vou colocar a minha mão em você. Eu não quero me sujar. O senhor deve fornecer provas, está entendendo?

O PROCURADOR: Eu existo e pronto. Não tenho nenhum meio de provar isso. Minha existência é uma certeza.

O JUIZ: Percebo que o senhor está se tornando cada vez mais insolente e presunçoso.

O PROCURADOR: Pelo simples fato de estar me insultando, é mais do que certo que eu existo.

O JUIZ: Suponhamos que o senhor exista. Suponhamos que o senhor esteja justamente nesta peça. Suponhamos até mesmo que responda às minhas perguntas. E daí?

O PROCURADOR: Isto é o teatro!

O JUIZ: Ah, o senhor crê que estamos fazendo teatro?

O PROCURADOR: Pode ser que representemos, pode ser que não representemos. Há momentos em que fico na dúvida. Durante o primeiro ato, enquanto interrogava o acusado, tive uma revelação... Eu me dei conta de que todos nós simulamos o delírio para sobreviver.

O JUIZ: Senhores, eu me rendo. Posso pedir ao senhor que me submeta a um interrogatório?

O ESCRIVÃO: Não, eu era o primeiro!

O PROCURADOR: É verdade, ele era o primeiro.

O DEFENSOR: Senhores, senhores, eu, eu também, eu tenho muitas coisas a dizer, eu também quero responder a algumas perguntas...

O PROCURADOR: Esperem, esperem, cada um na sua vez, eu ainda não terminei. Meritíssimo, continue... interrogue-me! Eu vi uma imagem... Meu cérebro violou o futuro.

O JUIZ: E o que é que você viu no futuro?

O PROCURADOR: Eu vi quem é a vítima.

O JUIZ: Que vítima?

O PROCURADOR: O morto.

O JUIZ: Que morto?

O PROCURADOR: O morto que o acusado vai matar a sangue frio, e com um sorriso diabólico nos lábios.

O JUIZ (*estarrecido*): Ele já matou?

O PROCURADOR: Ele ainda não matou, mas o cadáver já foi identificado.

O JUIZ: E onde está o cadáver?

O PROCURADOR: Aqui.

O JUIZ: Que tragam o cadáver.

O PROCURADOR: Senhor, sou eu, o cadáver.

O JUIZ: É você que ele vai matar?

O PROCURADOR (*heroico*): É sim, sou eu a vítima. Ele vai me retalhar de uma forma pavorosa. Vai me cortar em pedacinhos e me atirar na água.

O JUIZ: E o senhor tem provas?

O PROCURADOR: Sim, senhor. Nós já escolhemos um cantinho na beira da água.

O JUIZ: Oh, não! E o senhor acha que ainda podemos fazer alguma coisa pelo senhor?

O PROCURADOR: Por mim, nada. Mas gostaria de advertir que o assassino não vai parar aí.

O JUIZ: Mas até onde ele irá?

O PROCURADOR: Até o segundo, até o terceiro, até o quarto... (*Ao Escrivão.*) Quantas poltronas há na sala?

O ESCRIVÃO: 235, eu acho, mas podemos acrescentar cadeiras, se for preciso.

O JUIZ: Mas, Bom Deus, o que é que o impele ao crime?

O PROCURADOR: É o silêncio.

O JUIZ: Tem certeza?

O PROCURADOR: É o silêncio de sua alma, a calma de sua fronte e a sonolência de seus olhos e toda essa aparência de bom pai de família, esse ar perfeito de cidadão respeitável... Tudo isso fede a crime.

O JUIZ (*tremendo*): Então, estamos ferrados.

O ESCRIVÃO: Mas por quê?

O JUIZ: Ora, olhe ao redor da sala. São todos cidadãos respeitáveis. Todos têm o ar tranquilo, estão todos arrumadinhos.

O PROCURADOR: É por isso então que eu me sentia tão constrangido.

O ESCRIVÃO (*crispado*): Tenhamos cuidado para não enfurecê-los.

O JUIZ: Dezenas e dezenas de pais de família... Onde quer que olhemos, só bons olhares... somente o silêncio... O silêncio e a calma.

O DEFENSOR: Um bando de criminosos!

O ESCRIVÃO: Vamos cair fora!

O DEFENSOR: Vamos julgá-los.

O ESCRIVÃO: Mas eles podem saltar sobre nós de uma hora para outra.

O PROCURADOR: Isso mesmo, eles têm sede de sangue. Eles podem se jogar sobre nós e nos pisotear.

O DEFENSOR: Seria melhor se mandar. Cada indivíduo que se cala dessa maneira esconde um criminoso.

O JUIZ (*dirigindo-se ao Defensor*): Escute, Lulu. Fique como está, vire-se devagar para mim.

O DEFENSOR: Não, não, eu não quero dar as costas a esse bando, não tenho coragem...

O JUIZ: Só um pouquinho, venha aqui... (*Ele o puxa para um projetor, depois se dirigindo ao Procurador.*) Klaus, olhe para ele, você não tem a impressão de que tem olhos bons?

O PROCURADOR: É verdade que tem um ar descontraído.

O JUIZ: Um pouco como pai de família, não é?

O ESCRIVÃO: Sim, sim, com sua fronte lisa...

O DEFENSOR: Eu não tenho a fronte lisa... não tenho ar descontraído... De jeito nenhum... Eu não sou pai, eu não tenho família... Eu fico sozinho o dia inteiro, ninguém nunca me convida...

O PROCURADOR (*ignorando as palavras do Defensor, indica o Espectador Acusado*): Ele se parece muito com ele!

O ESCRIVÃO: Ele se parece perfeitamente com ele.

O DEFENSOR: Não me pareço com ninguém. Sou único e indivisível!

O JUIZ: Claro que sim, você se parece com todos esses que estão aqui na sala. Você não devia nos esconder isso.

O PROCURADOR (*ao Defensor*): Você é um crápula, meu velho.

O DEFENSOR: Oh não, Meritíssimo, Meritíssimo... O senhor também, o senhor tem o ar muito calmo... O senhor também, o senhor tem um olhar bom e um semblante sereno.

O ESCRIVÃO: Ele tem razão.

O JUIZ: Mas o que é que o senhor está querendo insinuar?

O DEFENSOR: O senhor tem sempre o ar muito distinto, muito próprio... O senhor tem um aspecto muito digno, de grande respeitabilidade. O senhor se parece perfeitamente comigo.

O JUIZ: Eu o proíbo de me comparar a você!

O DEFENSOR (*coloca-se ao lado do Juiz e dirige-se ao Procurador*): Klaus, poderia dizer se nós nos parecemos?

O PROCURADOR: Na verdade, sim, há uma certa semelhança.

O ESCRIVÃO (*coloca-se ao lado do Procurador e olha o Juiz e o Defensor*): Sim, sim, como duas gotas d'água.

O DEFENSOR (*indicando o Procurador e o Escrivão*): A verdade é que eles também se parecem muito um com o outro.

O ESCRIVÃO (*indignado*): Nós?

O DEFENSOR: Vocês! Vocês têm quase a mesma cabeça.

O ESCRIVÃO (*ao Procurador*): Quê?! Como ele pode se permitir...

O JUIZ (*blasé*): Estamos todos no mesmo barco.

O PROCURADOR: Eu me recuso a ser misturado à turba.

O DEFENSOR (*jovial*): Tarde demais, você é como nós.

O ESCRIVÃO (*choramingando*): Como assim, senhor Klaus, somos todos criminosos?

O PROCURADOR: É o que está parecendo.

O ESCRIVÃO: Então, estou tranquilo. Sendo assim, somos todos da mesma família.

O PROCURADOR: Covardes, nojentos, imundos.

O JUIZ: Crápulas, vagabundos, salafrários.

O ESCRIVÃO: Meritíssimo, posso projetar uma imagem? Eu gostaria de apoiar o que o senhor disse.

(*Ele projeta a imagem do Juiz, entediado, enfiando um dedo no nariz.*)

O JUIZ (*olha estupefato*): Mas o que é isso?

O ESCRIVÃO: É o senhor.

O JUIZ: Eu? Impossível!

O ESCRIVÃO: É o senhor, é o senhor durante o primeiro

ato. Enquanto o senhor Klaus fazia seu genial discurso de defesa...

O JUIZ (*furioso, troca o* slide): Veja só, o senhor também! O senhor chupando bala.

O ESCRIVÃO: Eu, chupando bala!

O JUIZ (*troca o* slide): E ele também! (*Ele mostra uma imagem do Defensor adormecido.*): Vejam só, olhem como ele tirou uma soneca enquanto eu interrogava o Procurador...

O DEFENSOR: E daí? Todos os seus discursos são uma chatice.

O PROCURADOR (*ao Defensor*): E eu também me chateio com os seus discursos. Veja só o que eu fazia enquanto o senhor falava desembestado.

(*O Procurador projeta a sua própria imagem: está profundamente entediado, limpando as unhas ou os dentes com o palito de dente encontrado no sobretudo do Espectador Acusado.*)

O JUIZ: Que coisa engraçada, talvez estejamos entediados faz duas horas sem sabermos.

O ESCRIVÃO: E o acusado também se entediou. Sobretudo durante o segundo ato, ele se entediou como um rato morto.

(*O Escrivão projeta uma foto do Espectador Acusado, entediado.*)

O JUIZ: Blarg!

O ESCRIVÃO (*indica outro espectador na sala*): E ele ali também se entediou muito. (*Imagem do espectador.*) E outros tantos... Posso lhes mostrar milhares de imagens... (*Ele projeta alguns instantâneos de espectadores entediados.*) Todo mundo morreu de tédio.

O JUIZ: Agora compreendo tudo, o tédio impele ao crime.

O ESCRIVÃO (*contemplando a última projeção, na qual se vê toda a Corte caindo de sono*): Eu não sabia que éramos assim tão maus.

O DEFENSOR: Sim, e nós somos ainda piores do que eles.

O JUIZ: Nós também devíamos ser julgados.

O PROCURADOR: Por quem?

O JUIZ (*indicando a sala*): Por eles.

(*Eles avançam passo a passo em direção ao público, o semblante muito triste, como se esperassem um julgamento. Espera de alguns longos segundos, interrompidos de repente por uma sirene de alarme.*)

O JUIZ: Mas o que é agora, mas o que é agora?

O ESCRIVÃO (*parando a sirene de alarme que se encontra sob sua escrivaninha*): É nossa batida dos tímpanos.

O JUIZ: Você é um doido varrido. Ainda vai pôr a casa abaixo.

O ESCRIVÃO: Mas são os quinze minutos finais. O final começa agora. O senhor nunca ouviu Verdi?

O JUIZ (*ao público*): Senhoras e senhores, a história progride. O processo continua. Mais quinze minutos. Eis-nos aqui. Nós precisamos deste final otimista e fortificante. A história deve ser abordada desde dentro por cortes precisos do tempo. Esqueçamos o passado. Ele não passou de uma lamentável confusão, um estado de irritação bizarro, de incerteza e de dúvida estúpida. Mas a ordem foi restabelecida, agora está tudo bem, a Corte lhes garante quinze minutos de final breve e categórico, um final simples e reconfortante para todos nós. Obrigado.

O ESCRIVÃO: Próxima testemunha.

(*Entra a Quarta Testemunha.*)

O PROCURADOR: Nome. Sobrenome. Profissão.

A QUARTA TESTEMUNHA: Rodolfo. Fotógrafo.

O PROCURADOR: E o que é que o senhor fotografa?

A QUARTA TESTEMUNHA: Homens, pássaros...

O PROCURADOR: Pássaros? Por que o senhor fotografa pássaros?

A QUARTA TESTEMUNHA: Gosto dos pássaros. Sabe como é... passei minha infância na lagoa... O senhor sabe como é na lagoa. Pássaros vêm e vão o tempo todo, o vento sopra...

O PROCURADOR: Responda somente à pergunta, entendido? E não fotografe mais os pássaros, entendido?

A QUARTA TESTEMUNHA: Bom.

O PROCURADOR: Contente-se com os homens.

A QUARTA TESTEMUNHA: Entendido.

O PROCURADOR: O que é que o senhor pensa do acusado?

A QUARTA TESTEMUNHA: Ele pisca os olhos demais.

O PROCURADOR: Como o senhor notou isso?

A QUARTA TESTEMUNHA: Enquanto eu o fotografava. Algumas vezes, tive que esperar passar os surtos de piscadas.

O PROCURADOR: Com que olho ele pisca?

A QUARTA TESTEMUNHA: Com os dois.

O ESCRIVÃO: Quanta desenvoltura!

O PROCURADOR: O senhor considera que é normal alguém piscar ao ser fotografado?

A QUARTA TESTEMUNHA: Não, é uma verdadeira tortura para o fotógrafo.

O PROCURADOR: E não lhe parece que quem pisca assim na frente de uma câmera dá prova de má vontade?

A QUARTA TESTEMUNHA: Sim, ora.

O PROCURADOR: E que seja capaz de fazer qualquer coisa?

A QUARTA TESTEMUNHA: É possível. Eu, quando alguém pisca, eu, isso me enerva, me enerva. Sou fotógrafo aqui há dez anos e há dez anos isso me enerva. Esta noite eu achei que iria urrar.

O PROCURADOR: Em que ritmo ele piscava?

A QUARTA TESTEMUNHA: Ele piscava rápido, rápido alguns segundos sem parar. Depois disso, parava alguns segundos e aí recomeçava.

O DEFENSOR: Como isso é chato...

A QUARTA TESTEMUNHA: Acabei estragando um monte de filme por causa disso.

O PROCURADOR: E o senhor conhece outras pessoas nesta sala que piscam desse jeito?

A QUARTA TESTEMUNHA: Não, os outros piscam de um jeito quase normal.

O PROCURADOR: O senhor acredita que o acusado tinha motivos especiais para piscar?

A QUARTA TESTEMUNHA: Bom, a luz o cegava quase o tempo todo, mas isso não é motivo, não é motivo!

O PROCURADOR: Enfim... O senhor poderia imitar de modo breve e sugestivo como ele piscava?

A QUARTA TESTEMUNHA (*vem piscar os olhos diante do público*)**:** Ele fazia assim.

O PROCURADOR: Observem, senhoras e senhores, observem! (*Ao Juiz.*) Para mim, tudo está claro, não tenho mais perguntas.

O JUIZ: Senhor Defensor, gostaria de fazer uma pergunta à testemunha?

O DEFENSOR (*à Quarta Testemunha*)**:** O senhor não acha que essa tendência de piscar esconde alguma coisa mais profunda?

A QUARTA TESTEMUNHA: Isso esconde alguma coisa, seguramente.

O DEFENSOR: O senhor não acha que, na verdade, essas piscadas são o sinal de um desejo mais profundo e mais perverso, o de pura e simplesmente manter os olhos fechados? O senhor não pensa que a verdadeira intenção é fechar os olhos e que as piscadas são, na verdade, uma espécie de ritual para nos enganar?

A QUARTA TESTEMUNHA: Isso é convincente.

O DEFENSOR: Por acaso o senhor o pegou alguma vez com os olhos fechados?

A QUARTA TESTEMUNHA: Não.

O DEFENSOR: Mas o senhor reconhece que poderia tê-lo pego.

A QUARTA TESTEMUNHA: Sim.

O DEFENSOR: Por acaso o acusado enxugou os olhos com um lenço alguma vez?

A QUARTA TESTEMUNHA: Não.

O DEFENSOR: Mas o senhor reconhece que ele poderia ter feito isso.

A QUARTA TESTEMUNHA: Sim.

O DEFENSOR: Era o que eu queria saber. E agora diga-nos quantas vezes o acusado piscou esta noite.

A QUARTA TESTEMUNHA: Quinze mil quatrocentas e trinta e sete vezes.

O PROCURADOR: O senhor contou direito? É isso mesmo?

O JUIZ: Inacreditável, inacreditável!

O ESCRIVÃO: Que trabalho, que trabalho!

O DEFENSOR: Muito bem, peço-lhe que repita a cifra.

A QUARTA TESTEMUNHA: Quinze mil quatrocentas e trinta e sete vezes. Mas depois que eu anunciei a cifra da primeira vez, ele piscou mais duas vezes, o que dá um total de quinze mil quatrocentas e trinta e nove piscadas.

O DEFENSOR: O senhor declara isso sob juramento?

A QUARTA TESTEMUNHA: Mas é claro, eu tenho um *slide* para cada piscada.

O DEFENSOR: Muito bem. Meritíssimo, proponho exibirmos todos esses *slides*.

O JUIZ: Não, não, está tarde. Que entre a próxima testemunha.

(*A Quarta Testemunha sai, ninguém entra.*)

O PROCURADOR: Escrivão, quem é a próxima testemunha?

O ESCRIVÃO (*folheando seus papéis*): É um espectador, Meritíssimo.

O PROCURADOR: Quem?

O ESCRIVÃO: Qualquer um.

O PROCURADOR: Oh, senhor Escrivão, peço-lhe então que faça o seu dever!

O ESCRIVÃO (*dirige-se a uma roleta de bingo, gira-a, tira um número*): A próxima testemunha é o espectador de número 147.

O PROCURADOR: Senhor espectador, queira vir aqui ou enviaremos a guarda para buscá-lo.

(*Todo mundo espera que o espectador venha sozinho.*)

O PROCURADOR: Como o senhor se chama?

A QUINTA TESTEMUNHA: Eu me chamo Macabeu.

O PROCURADOR: Senhor Macabeu, o que é que fez o senhor vir ver esta peça?

A QUINTA TESTEMUNHA: Nada, eu vim com a minha mulher.

O PROCURADOR: Foi difícil conseguir ingresso?

A QUINTA TESTEMUNHA: Não, foi a minha mulher que correu atrás disso.

O PROCURADOR: Dá para ver bem do seu lugar?

A QUINTA TESTEMUNHA: Não, é um pouco longe.

O PROCURADOR: Mas e o criminoso, o senhor conseguiu vê-lo?

A QUINTA TESTEMUNHA: Sim, eu o vi durante o intervalo, na cafeteria.

O PROCURADOR: E que impressão teve dele?

A QUINTA TESTEMUNHA: Não sei dizer. Minha mulher riu.

O PROCURADOR: Ela sempre ri desse jeito?

A QUINTA TESTEMUNHA: Ela ri, o que mais ela pode fazer?

O PROCURADOR: Então o senhor acha que estamos aqui nos divertindo?

A QUINTA TESTEMUNHA (*confuso, cai na risada*): Bah... Senhores, eu... eu...

O PROCURADOR: O senhor já respondeu a um inquérito alguma vez?

A QUINTA TESTEMUNHA: Sim, minha mulher sofreu um acidente de carro.

O ESCRIVÃO: Vocês vieram de carro? Será que poderiam me levar até...

O JUIZ (*ao Escrivão*): Shh!

O PROCURADOR (*à Quinta Testemunha*): O senhor acha que o espectador acusado é um ator ou um simples espectador?

A QUINTA TESTEMUNHA: Minha mulher diz que é um ator.

O PROCURADOR: Se o senhor estivesse no lugar dele, teria se levantado e ido embora?

A QUINTA TESTEMUNHA: Eu não sei.

O PROCURADOR: O senhor não teria suportado essa violência, não é?

A QUINTA TESTEMUNHA: Não é mesmo muito agradável, sabe...

O PROCURADOR: Então, o senhor teria ido embora.

A QUINTA TESTEMUNHA: Eu não sei se a minha mulher...

O PROCURADOR: Quem vai embora mostra que é culpado. Tenho razão ou não?

A QUINTA TESTEMUNHA (*muito agitado, suspira*): Talvez.

O PROCURADOR: Mas quem fica também é culpado, é atormentado por sua consciência, é por isso que fica.

A QUINTA TESTEMUNHA: Senhor, isso não me interessa.

O PROCURADOR: Se refletirmos bem sobre isso, o senhor é cúmplice do criminoso. O senhor não quer nem defendê-lo nem estar no lugar dele. Pior que isso, impossível.

A QUINTA TESTEMUNHA: Eu vim aqui só para me distrair, eu...

O PROCURADOR: Então o senhor acha que não estamos tendo bastante distração esta noite?

A QUINTA TESTEMUNHA: Sim, sim...

O PROCURADOR: Então o senhor conseguiu se distrair um pouco?

A QUINTA TESTEMUNHA: Sim...

O PROCURADOR: Mas que diabos o senhor encontrou de distração aqui?

A QUINTA TESTEMUNHA: É a minha mulher que... que...

O PROCURADOR: O senhor se enganou, não teve nenhuma distração aqui nesta noite... O senhor se arrepende de ter vindo?

A QUINTA TESTEMUNHA (*em pânico*): Eu não sei, eu não sei...

O PROCURADOR: Alguém quer fazer alguma outra pergunta à testemunha?

(*A Quinta Testemunha foge para o seu lugar.*)

O ESCRIVÃO: Próxima testemunha!

(*A Sexta Testemunha entra.*)

O JUIZ: Mais rápido, o mais rápido possível. E só para perguntas estritamente necessárias.

O PROCURADOR: Nome, sobrenome, profissão. Rápido.

A SEXTA TESTEMUNHA: Eu... eu... eu trabalhei nesta peça.

O PROCURADOR: Na que estamos representando agora?

A SEXTA TESTEMUNHA: Sim. Eu sou o diretor.

O PROCURADOR: O que é que fez o senhor escolher esta peça?

A SEXTA TESTEMUNHA: Ela me pareceu muito engraçada... muito atual...

O PROCURADOR: O senhor acha que está fazendo algo novo graças a ela?

A SEXTA TESTEMUNHA: Eu não diria algo novo... Mas eu fiz o que pude...

O PROCURADOR: O senhor entendeu a mensagem da peça?

A SEXTA TESTEMUNHA: É claro. Mas veja bem... Há vários níveis de compreensão. Cada nível tem seu ritmo... sua nuance... paulatinamente...

O PROCURADOR: E o senhor acredita que os espectadores compreenderam, acredita que tomaram consciência de seja lá o que for?

A SEXTA TESTEMUNHA: Eu não sei. Eu espero que sim... Acho que dei elementos suficientes para refletir... depois disso, todo mundo sai na rua... É lá que a peça continua... no cérebro de cada um... não é? A verdadeira solução virá mais tarde... em casa... talvez amanhã...

O PROCURADOR: O senhor está satisfeito com a atuação dos atores?

A SEXTA TESTEMUNHA: Sim, os atores estiveram muito vivos em cena, muito receptivos.

O PROCURADOR: Poderia me dizer o que lhe fez me escolher para este papel?

A SEXTA TESTEMUNHA: Bem... eu conheço o senhor há muito tempo...

O PROCURADOR: O senhor acha que estou bem no papel?

A SEXTA TESTEMUNHA: Sim, isso também...

O PROCURADOR: Que solução o senhor escolheu para o acusado? É um ator ou um espectador?

A SEXTA TESTEMUNHA: Eu não posso revelar o... o...

O PROCURADOR: Mas se o acusado fosse realmente um espectador, ele poderia se levantar e ir embora a qualquer momento... Não ficou com medo disso? Ou que ele lhe atirasse qualquer coisa na cabeça?

A SEXTA TESTEMUNHA: É claro, é um risco.

O PROCURADOR: Mas se o acusado fosse um ator, haveria o risco de faltar vida. Não ficou com medo disso?

A SEXTA TESTEMUNHA: Ator ou espectador, a ideia é a mesma.

O JUIZ: Mais rápido, mais rápido.

A SEXTA TESTEMUNHA: Eu queria dizer que existe uma tensão... entre uns e outros... uma ligação essencial entre a criação e... a realidade...

O PROCURADOR: Obrigado, senhor, está dispensado.

A SEXTA TESTEMUNHA: Não, não, eu queria explicar mesmo assim... já que começamos... a falar disso... acredito que seria melhor...

O JUIZ (*berrando*): Fora, saia da minha frente!

A SEXTA TESTEMUNHA (*enervada e humilhada*): O senhor passou da medida... O senhor...

O JUIZ, O PROCURADOR, O DEFENSOR, O ESCRIVÃO: Caia fora de uma vez, senhor!

(*Enxotado pela Corte, a Sexta Testemunha sai.*)

O PROCURADOR (*cansado*): Próximo!

(*Os soldados trazem um homem todo amarrado, um saco de batatas na cabeça. O homem é depositado, feito um pacote, diante do Juiz. O homem não para de se debater e de gemer. Percebe-se, pelos sons que ele tenta emitir, que também está amordaçado.*)

O PROCURADOR: E isso aí é o quê?

O ESCRIVÃO (*timidamente*): É o autor, senhor.

O JUIZ: O autor, isso?

O DEFENSOR: Autor do quê?

O ESCRIVÃO: O autor desta peça.

O JUIZ: O quê? Esta porcaria tem um autor?

O ESCRIVÃO: Parece-me que sim.

(*A Sétima Testemunha faz grandes esforços para se levantar. Consegue se pôr de joelhos.*)

O PROCURADOR: Estranho. O senhor insinua que ele escreveu antes tudo o que nós dizemos?

O ESCRIVÃO: Sim.

O DEFENSOR: Palavra por palavra?

O ESCRIVÃO (*que se aproxima discretamente da testemunha e a joga de novo ao chão*): Sim.

O JUIZ: E tudo, tudo o que já dissemos está exatamente como no texto?

O ESCRIVÃO (*passando os olhos no texto*): Em princípio, sim.

O PROCURADOR: Não saltamos nada?

O DEFENSOR: Não acrescentamos nada?

O JUIZ: E se alguém disser alguma coisa que não está no texto?

O ESCRIVÃO: Bah... Ele poderia se zangar.

O PROCURADOR: Mas por que ele não fala?

O ESCRIVÃO: Eu não sei. Autores são seres estranhos.

O PROCURADOR (*à Sétima Testemunha*): Senhor, será que concordaria em responder a algumas perguntas?

O DEFENSOR (*à Sétima Testemunha*): Quer que eu diga algumas palavras que o senhor nunca escreveu e jamais teria imaginado?

O PROCURADOR: Definitivamente, ele não quer nos responder.

O ESCRIVÃO (*jogando outra vez o autor ao chão*): Fale, senhor, assim poderá ajudar a justiça.

O JUIZ: Nada?

O ESCRIVÃO: Nada.

O JUIZ: Bom Deus, mas o que é que ele tem?

O ESCRIVÃO: Acho que nos ignora, senhor.

O PROCURADOR (*à Sétima Testemunha*): Responda, senhor. É um procurador que lhe fala. Precisamos de seu testemunho para desvendarmos a verdade.

O DEFENSOR: Está claro. Ele não dá a mínima para a verdade.

O PROCURADOR (*irritado*): Uh lá lá! Nunca se viu nada assim. Ele zomba de nós.

O DEFENSOR (*à Sétima Testemunha*): Por que esse silêncio, senhor? Acha que não sabemos nada de literatura?

O ESCRIVÃO (*sempre cuidando para que o autor não se levante*): A testemunha despreza visivelmente a Corte, Meritíssimo. Deveríamos mudar de método.

O PROCURADOR: Isto é realmente inacreditável. O homem que está na melhor posição para nos dizer a verdade recusa-se a falar!

O DEFENSOR (*à Sétima Testemunha*): Vamos, diga alguma coisa.

O PROCURADOR: Pelo menos duas, três palavras.

O ESCRIVÃO: Vamos, senhor, diga três vezes *sim*.

O JUIZ: Que ele pelo menos levante a mão.

O ESCRIVÃO: Escute, senhor, se levantar a mão direita, poderemos nos declarar satisfeitos.

O JUIZ: Nada?

O ESCRIVÃO: Nada.

O DEFENSOR: Nada.

O PROCURADOR: Nada.

O JUIZ: Que animal! Eis aí o que dá tanta cultura...

O DEFENSOR: Mas e se fizermos um buraquinho ao redor da boca?

O JUIZ (*saca um par de tesouras*): Pegue. Mas com muito cuidado, por favor. Nada mais frágil em um escritor do que a boca.

(*O Defensor, auxiliado pelos outros, corta um pequeno buraco redondo no saco de estopa que cobre a cabeça do autor. Este se debate sem parar e solta gritos abafados.*)

O DEFENSOR (*à Sétima Testemunha*): Pronto. Estamos escutando, senhor.

O PROCURADOR: A sua peça é uma grande salada, senhor. A propósito, esta réplica foi escrita ou não?

O DEFENSOR: O senhor acha que estamos à vossa mercê? Que o senhor pode torcer o pescoço das suas personagens? Quando quiser e como quiser?

O PROCURADOR: O senhor acha que tudo o que podemos dizer já está escrito? Que tudo o que podemos pensar já está escrito? Que o senhor pode nos fazer dizer tudo o que quiser, que pode fazer de nós tudo o que quiser? Que tudo o que podemos fazer e pensar até a nossa morte já está escrito?

O DEFENSOR: E se eu me calar?

O PROCURADOR: Se eu não disser mais nada?

O DEFENSOR: Também está previsto no texto?

O PROCURADOR: Será que o senhor previu que eu pudesse não dizer o texto?

O ESCRIVÃO: É inútil, senhores. A testemunha não quer abrir a boca.

O JUIZ: Merda! Aumentem um pouco o buraco.

O ESCRIVÃO (*cortando outro buraco*): Sempre a mesma coisa. A testemunha tem sempre um saco de estopa atrás de cada buraco.

O PROCURADOR (*recortando, também ele, um buraco*): Vamos, diga-nos a verdade!

O DEFENSOR (*recortando, também ele, um buraco*): Estamos escutando. O que é que o senhor quer com as suas peças de merda?

O ESCRIVÃO: A mensagem, qual é?

O PROCURADOR: O que fazemos, Meritíssimo? O autor não tem nada a dizer.

O JUIZ: Isso é realmente uma pena.

O PROCURADOR: Os autores... É sempre assim com essa espécie... Eles se consideram o centro do mundo e, quando chega a hora da verdade, fecham-se neles mesmos.

O DEFENSOR: Eu lhe rogo, senhor, fale! O senhor é a nossa última chance. Nossa última chance! A última chance da humanidade! A última chance da verdade! Há milhares de pessoas, milhões de pessoas esperando pela sua voz! Pelas suas palavras! O mundo inteiro o esteve esperando como ao Messias. Fale! Mostre-nos

o mal deste mundo. O mal que se esconde em cada um de nós, mostre-nos... Eu lhe conjuro, senhor, salve-nos!

O PROCURADOR: Desgraçado! É mesmo teimoso como uma mula esse aí.

O ESCRIVÃO (*à Sétima Testemunha, emocionado pelo discurso do Defensor*): Não nos abandone...

O JUIZ (*encobrindo uma lágrima no canto do olho direito*): Somos e seremos sempre sós sobre a Terra...

O PROCURADOR (*enfurecido*): Está aqui o seu texto! Está aqui! Pegue! (*Arranca uma página de seu texto, enrola-a e a mete por um dos buracos.*) Nós recusamos, senhor, a sua dissimulação!

O ESCRIVÃO (*o mesmo jogo*): Acabou!

O DEFENSOR (*o mesmo jogo*): Já tivemos o bastante!

(*A Sétima Testemunha parece agora um personagem extraterrestre. Ela se debate e finalmente grita algo como "água! água! água!..."*)

O JUIZ: Próximo! Próximo! Próximo!

A SÉTIMA TESTEMUNHA (*enquanto a Corte o arrasta para fora*): Água! Água! Água!

(*Dois guardas trazem um homem assustado, notoriamente trazido na marra.*)

O PROCURADOR: Quem é você?

A OITAVA TESTEMUNHA: Eu? Eu... eu estava na frente do teatro.

O PROCURADOR: E o que é que o senhor fazia na frente do teatro?

A OITAVA TESTEMUNHA: Eu... estava esperando alguém.

O PROCURADOR: Quem?

A OITAVA TESTEMUNHA: Eu... estava esperando a peça terminar.

O PROCURADOR: Ah! O senhor perdeu a paciência? O senhor não quer ver mais nada, não quer ouvir mais nada, talvez esteja querendo escapar no final...

A OITAVA TESTEMUNHA: Não... não... é que estão na sala, eu vim buscá-las.

O JUIZ: Quem é que o senhor conhece na sala?

A OITAVA TESTEMUNHA: Minha mulher e minha filha... (*Ele olha, cheio de esperança, pela sala.*) Como a peça termina muito tarde...

O ESCRIVÃO (*de um sobressalto*)**:** O senhor veio de carro?

A OITAVA TESTEMUNHA (*feliz*)**:** Sim, sim...

O ESCRIVÃO: Para que lado o senhor vai?

O JUIZ: Senhores, ainda temos três minutos. Passemos ao próximo!

(*Aliviada, a Oitava Testemunha sai correndo.*)

O ESCRIVÃO (*acompanha a Oitava Testemunha e volta assustado*)**:** Senhores, a rua está cheia de gente, tem um monte de gente, centenas de pessoas...

O JUIZ: Tem um monte de quê?

O ESCRIVÃO: Testemunhas... centenas de testemunhas...

O JUIZ: Mas quem disse para elas virem? Não precisamos de tantas testemunhas.

O ESCRIVÃO: Vieram por sua própria vontade. Estão começando a vir por conta própria.

O DEFENSOR: As pessoas querem nos ajudar, Meritíssimo.

O PROCURADOR: Mas quem pediu isso a elas? Por que querem nos ajudar?

O ESCRIVÃO: As pessoas querem respeitar a lei, senhor Procurador. Querem todas se postar ao lado da lei.

(*Uma cabeça de transeunte passa através de uma das telas.*)

A CABEÇA: Eu também, eu também!

O JUIZ (*agitado, ao Escrivão*)**:** Que desordem é essa?

O ESCRIVÃO: Como quer que eu saiba? Eu não sei!

(*Várias cabeças passam através das telas.*)

AS CABEÇAS: Nós também, nós também!

Nós sabemos tudo!

Eu conheço pessoalmente o acusado, nós servimos o exército juntos.

Que a justiça seja feita!

Etc.

(*A algazarra aumenta nos bastidores.*)

O JUIZ: Mas o que é agora, que balbúrdia é essa?

O ESCRIVÃO (*num ir e vir entre os bastidores e a cena*): Os interrogatórios começaram também nos bastidores.

O PROCURADOR: O que foi que disse?

O JUIZ: Que interrogatórios?

O ESCRIVÃO (*continuando o ir e vir*): Os interrogatórios... Começaram... nos bastidores e na rua...

O PROCURADOR: Quem está interrogando em nosso lugar?

O ESCRIVÃO: Eles são numerosos, senhor Procurador. Interrogam-se entre eles. A lei triunfa.

O DEFENSOR: Como assim, a lei triunfa? Quem ousa se interrogar na rua?

O ESCRIVÃO: As testemunhas, senhor Defensor, milhares de testemunhas. Elas querem ajudar o senhor.

(*Novas cabeças aparecem e furam as telas. Elas se interrogam em um zum-zum-zum que vai se amplificando.*)

O DEFENSOR: Eles estão loucos. É preciso dispersá-los!

O ESCRIVÃO: São homens e mulheres... Vieram por sua própria vontade. Por que dispersá-los?

O DEFENSOR: Vão contra a lei...

O ESCRIVÃO: Não vão contra absolutamente nada.

O DEFENSOR: Meritíssimo, pronuncie rápido a sentença! Vão nos roubar nosso acusado!

(*Ribombar de tambores à entrada principal da sala de espetáculo. O ribombar de tambores torna-se cada vez mais forte e solene. Entra o Autor à frente de um cortejo que sobe novamente, entre o público, para a cena.*

O cortejo tem algo de imperial e de bizarro, como se espectros de um outro mundo surgissem na sala. Com a cabeça sempre envolta no saco esburacado, o Autor comporta-se como um verdadeiro mestre de cerimônias. De tempos em tempos, bate no chão com seu bastão cerimonial, pontuando assim o avanço do cortejo.

Atrás do Autor, as sete testemunhas: o Homem que Destaca os Ingressos, a Atendente da Chapelaria, a Atendente Gorda da Lanchonete, o Fotógrafo do Teatro, o Espectador, o Diretor, o Homem que Espera na Frente do Teatro.

Três delas levam um tambor pendurado no pescoço, enquanto as outras transportam uma liteira. São todos facilmente reconhecíveis, apesar da palidez do rosto e dos gestos de marionetes. Uma maquiagem discreta poderia bem sugerir sua nova personalidade e o estado hipnótico no qual elas se encontram.

Avançam majestosa e implacavelmente, como se para o juízo final. De tempos em tempos, o personagem que se encontra no interior da liteira toca gaita bobamente. O ribombar de tambores se alterna com as notas da gaita.)

O JUIZ (*intrigado*): Mas o que é isso?

O AUTOR (*com uma voz calma, mas muito forte*): Trouxemos a última testemunha, Meritíssimo.

O JUIZ: O quê? Que testemunha?

O AUTOR: A última, Meritíssimo.

O JUIZ: Fora de questão!

O PROCURADOR: Basta, basta! Queira deixar a sala, por favor!

O ESCRIVÃO: Meritíssimo, e se o senhor pronunciar imediatamente o veredito?

O AUTOR (*imperturbável*): A última testemunha, Meritíssimo...

O DEFENSOR (*ao Juiz*): A sentença! Pronuncie-a, rápido!

O AUTOR (*sempre à frente de seu cortejo, subindo à cena*): A última testemunha, senhores! A última testemunha!

(*O cortejo para, as quatro Testemunhas que carregam a liteira a baixam no centro da cena.*

O Mendigo Cego que Toca Gaita na Esquina da Rua puxa as cortinas da liteira e põe a cabeça para fora. Suas palavras são sempre acompanhadas por um refrão tocado na gaita.)

O JUIZ (*assustado*): Mas o que isso tem a ver?

O AUTOR: Ele estava tocando gaita na esquina da rua, Meritíssimo.

(*O Mendigo Cego tateia febrilmente com as mãos tudo o que há diante dele – ar, objetos e pessoas; cambaleia, endireita-se e brinca de cabra-cega de um modo grotesco e trágico.*)

O MENDIGO CEGO: Senhores, senhores, eu fui para o *front*, eu combati no *front*... (*Toca a gaita.*) Fui condecorado com a medalha da República! (*Toca a gaita.*) Viva a República!

O ESCRIVÃO (*ao Juiz*): Eles são loucos. É preciso dispersá-los!

O PROCURADOR: A sentença! Rápido!

O JUIZ (*berrando, sua voz tenta encobrir as palavras do Mendigo Cego e as notas da gaita*): Senhoras e senhores! Em consequência de todos estes interrogatórios... de todas as graves declarações que as testemunhas fizeram... e de todas as graves declarações que as testemunhas não fizeram...

O MENDIGO CEGO (*tateando o rosto do Juiz*): Senhores, eu não conheço ninguém, eu sou cego... (*Toca a gaita.*) Eu combati no *front*...

(*O Juiz fica como que paralisado, a boca aberta, a expressão convertida em máscara. Assemelha-se agora aos outros personagens do cortejo.*)

O PROCURADOR (*tentando pronunciar ele mesmo a sentença, retomando o discurso do Juiz*): Em consequência de tudo o que podemos imaginar e de tudo o que mal podemos imaginar... eu ora declaro que... este homem não existe... e eu mesmo não existo...

O MENDIGO CEGO (*cambaleia, cai aos pés do Procurador, tateia-os e, em seguida, se levanta tateando-lhe toda a altura do seu corpo e, finalmente, seu rosto*): Senhores, tenham piedade de um velho combatente... (*Toca a gaita.*) Fui condecorado com a medalha da República, eu juro!

(*O Procurador permanece fixo, o discurso cortado. As quatro Testemunhas que carregaram a liteira formam um quadrado mágico ao redor do Mendigo Cego, que eles acompanham, guardando sempre uma distância respeitosa, como se se tratasse de um rei.*)

O MENDIGO CEGO: Acreditem em mim, senhores, acreditem em mim, não estou brincando... (*Toca a harmônica.*) De jeito nenhum...

O DEFENSOR (*aterrorizado pela aproximação do Mendigo Cego, mas incapaz de fugir*): Declaro que nem o Defensor, nem o Procurador, nem o Escrivão existem... nem as testemunhas que vocês ouviram existem... nenhuma de suas palavras existe... nem esta peça de teatro existe... nem esta sala de teatro existe... nem esta noite existe... nem vocês, senhoras e senhores, existem...

O MENDIGO CEGO (*com um único toque, petrifica o Defensor*): Acreditem em mim, senhores, sou um velho combatente... (*Toca a gaita.*) Viva a República!

O ESCRIVÃO (*que ficou sozinho, já paralisado pelo medo, como se pedisse socorro*): Meritíssimo! (*O Mendigo Cego se aproxima tateando o ar com suas mãos.*) Senhor Procurador, por favor... (*O Mendigo Cego se aproxima. Suas mãos descrevem um estranho ritual aéreo.*) Senhor Advogado de Defesa...

O MENDIGO CEGO: Eu não conheço ninguém, senhores, de verdade... (*Toca a gaita.*) Ninguém... Ninguém... (*Toca o Escrivão, que fica paralisado.*) De verdade, nada e ninguém... Eu sou em verdade sozinho no mundo... (*Toca as Cabeças, que ficam mudas.*)

(*Durante todo esse tempo, muito lentamente, o cortejo deu a volta na cena. Com o Autor sempre à frente, o cortejo se dirige agora para a saída. Enquanto o cortejo atravessa a sala de espetáculo, entre os espectadores, em direção à mesma porta principal, o Mendigo Cego continua seu jogo de mãos e, de tempos em tempos, toca a gaita.*

Atrás do Autor encontram-se sempre as Três Testemunhas que tocam os tambores, seguidas das Quatro Testemunhas que formam o quadrado mágico ao redor do Mendigo Cego. Mais atrás do cortejo, colocam-se o Juiz, o Procurador, o Defensor e o Escrivão. Eles seguem o cortejo como se estivessem em transe.

O cortejo sai, se distancia. O ribombar de tambores diminui e silencia. Ouve-se ainda uma ou duas vezes a voz do Mendigo Cego, que grita "Viva a República!".

A liteira permanece no centro da cena vazia, como um objeto mágico, ameaçador, uma espécie de "cavalo de Troia" abandonado ao público.

As luzes baixam muito lentamente na sala até chegar à escuridão total, enquanto, na cena, no interior da liteira, atrás das cortinas translúcidas, um corpo esférico pouco a pouco se irradia.)

Fim